

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Lucas Magno

**Que lugar é esse?**  
**Identities e significados territoriais no bairro rural Buieie – Viçosa, MG.**

Viçosa, MG  
Novembro - 2008

**Lucas Magno**

**Que lugar é esse?**

**Identidades e significados territoriais no bairro rural Buieié – Viçosa, MG.**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.  
A banca examinadora é composta:

Prof. Dr. Ulysses da Cunha Baggio (Orientador)

Universidade Federal de Viçosa

Prof.(a) Dr.(a) Neide Maria de Almeida Pinto (Co-orientadora)

Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dr. Klemens Augustinus Laschefski

Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dr. Ronan Eustáquio Borges

Universidade Federal de Viçosa

Viçosa

Novembro/2008

Dedico esse trabalho à Ana Maria,  
Carlinho, Mara, Jonas, Estela e Cida,  
minha família, e às pessoas tão  
especiais da Cogumaça, valeu galera!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à minha família, especialmente minha mãe Ana Maria exemplo de garra e luta, sem o carinho e atenção de vocês eu nada seria.

Aos meus amigos de casa, da Cogumaça, a Vanessa, o Daniel, a Aline, o Bruno, Alex e o Lúcio eternos companheiros que suportaram e compreenderam-me ao longo dessa caminhada, devo a vocês uma parte da minha formação nos *espaços vividos* de Viçosa, valeu galera!

Agradeço em especial à jovem rural Aline, pessoa maravilhosa que conheci e vivi em Viçosa, mulher verdadeira, manhosa, cheirosa e linda. Obrigado por sempre (literalmente) estar comigo, valeu délice!

Ao professor Ulysses pela confiança, esperança e amizade depositadas em mim, às quais sou sinceramente devedor, principalmente dos profícuos comentários e conselhos ao longo da minha carreira. Valeu *fessor!*

À todos os professores do curso de geografia, em especial ao meu amigo Eduardo, que ao me apresentarem um mundo fascinante e totalmente desconhecido, de um modo ou de outro tornaram mais fáceis minhas escolhas e decisões pessoais e profissionais, além de propiciaram os subsídios para a adoção de uma perspectiva intelectual minimamente própria dentro da ciência geográfica. Obrigado senhores!

À professora Neide, que embora não tenha sido propriamente minha professora, em todos os momentos, desde que comecei a pesquisar, representou uma mestra no sentido mais profundo que a palavra comporta. Obrigado Neide!

Aos colegas e amigos da UFV e de trabalho, pelos ensinamentos e apoio durante todos esses cinco anos, Obrigado gente!

Aos amigos de Descalvado – SP, a Grá, o Dú e a Ieda, a Bela, o André e a Raquel, a Larissa, a Vi e o Márcio, a Natália, a Nina, o Nelsinho e a Mariane que, mesmo longe, sempre estiveram presentes na minha caminhada pelas montanhas de Minas Gerais. Galera, muito obrigado!

Agradeço, de modo geral, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta importante etapa da minha vida e àqueles que acreditaram em minha capacidade. Obrigado!

*Eta Brasil arretado, onde a fome e a miséria tomam conta desse povo sem emprego e sem sossego... nunca perde o sossego, mesmo com o desemprego. Esse é o meu Brasil, onde riqueza nunca se viu, mas ainda tem criança passando fome nesses cantos do Brasil. Aqui onde eu moro nada se tem, se Deus não ajudar o que será de mim também... Mas o país vai melhorar, com a força do homem e a dignidade da mulher, e pra começar tem os tambores do Buieié, nossa cultura em primeiro lugar (Romênia, 32 anos, nascida e criada no Buieié)*

## RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo compreender os processos identitários relacionados à construção de uma identidade territorial para grupos marginalizados socialmente e da análise desses processos enquanto formas de resistência. Para desenvolvimento dessas questões, tomamos como objeto de estudo uma comunidade rural de Viçosa, o Buieié. Trata-se de um bairro que, inicialmente, agregou uma população de ex-escravos que obteve suas terras a partir da doação e/ou compra de uma antiga proprietária de terras de um engenho de açúcar da região. A população do bairro está incluída de forma marginal no sistema capitalista, sobretudo, pela forma como acontece o acesso aos recursos materiais: trabalho, consumo, lazer. Por outro lado, a comunidade apresenta um forte sentimento de pertencimento territorial, apesar das dificuldades para se manterem no local. A motivação pela pesquisa se construiu em prol da pretensão de compreender a lógica de reprodução social do grupo que, embora vivendo nas franjas de um sistema capitalista, não teria sua racionalidade e valores codificados pelo que é mais econômico. A metodologia emprega técnicas de coleta de dados como entrevistas, observação participante e consultas em fontes secundárias. Os resultados construídos na pesquisa indicam alguns elementos importantes e que são fundamentais na construção das identidades no Buieié, quais sejam: a formação histórica e territorial do bairro, a posse da terra e as redes de sociabilidade dos moradores. Esses vínculos explicam em grande medida, as formas de reprodução social ao grupo e ao sentido que os moradores dão de “morar no Buieié”. A configuração espacial também é, em certa medida, explicada através das redes solidárias. Os resultados construídos demonstram que a sociedade capitalista não extinguiu a necessidade do sentimento de pertencimento e reprodução de formas de identidades vinculadas ao território.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade – território – bairro rural

## ABSTRACT

The objective of this research is understand the process's related to the construction of territorial identity for socially excluded people, and the analysis of those process is as a form of resistance. To develop those ideas, took as object of study a rural community of Viçosa, Buieié. It is a neighborhood that, initially, was formed by ex-slaves who got their land through donation or buying from an old landlady of the sugar cane plantation. The neighborhood's population is included in a marginal form in the capitalist system, especially with respect of access to the material resources: work, consumption, leisure and space. On other side, the community has a strong feeling of belonging to the territory, in despite of the difficulties to remain in this place. The reason of this research to understand the logic of the social reproduction of the groups which, although living of the margins of the capitalist system, have not their rationality and values transformed by economic codes. The methods have been various techniques of information collection such as interview, active in observation and research secondary sources. The results point ed out some important elements which are relevant in the identity process in Buieié, such as: the historic territory formation, the possession of the land and the networks sociability between the residents. These links explain most of the forms of social reproduction within the group and the sense that the residents give for “*living in Buieié*”. The spatial organization is also, at a certain extent, explained through the social network. These results also indicate that the capitalist society did extinct need the feeling of belonging and the reproduction of forms territorial identity.

Key – words: identity – territory – rural neighborhood

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> -----	9
<b>Metodologia da pesquisa</b> -----	12
<b>1. Identidade, território e territorialidade</b> -----	16
1.1 <b>A identidade</b> -----	16
1.2 <b>O território</b> -----	19
1.3 <b>A territorialidade</b> -----	21
<b>2. O Buieié: formação do bairro</b> -----	23
<b>3. Cartografia comunitária: delineamentos sócio-espaciais</b> -----	29
<b>4. A construção das identidades e os significados territoriais no Buieié: entre as proximidades e os estranhamentos</b> -----	65
<b>Considerações finais</b> -----	78
<b>Bibliografia</b> -----	83
<b>Anexos</b> -----	85

## Introdução

Vivemos hoje em um mundo caracterizado pela enorme rapidez e fluidez das informações, mercadorias, dinheiro e ideologias; um mundo cada vez mais individualizado, competitivo e consumista, que sofre os impactos de políticas centradas nas empresas e no mercado, que experimenta a redefinição dos territórios e de seus papéis.

Outra interessante característica desta nossa sociedade se refere justamente ao tema proposto para esta pesquisa, qual seja a peculiaridade da lógica daqueles grupos sociais e dos territórios que, embora vivendo nas franjas desse sistema consumista e totalitário, que transforma até mesmo o homem e a vida em mercadoria, não tem sua racionalidade, seus valores e significados codificados pelo que é mais econômico. Ou seja, há grupos que têm nas suas formações territoriais e nas identidades legitimação perante a globalização perversa (SANTOS, 2000).

Esse mundo, caleidoscópico e mutante, nos proporciona interessantes reflexões, particularmente no que diz respeito às contradições que ele apresenta. Vivendo uma sociedade globalizada, na qual o local se vê (re)significado e (re)valorizado, mesmo que a homogeneização e massificação se mostrem cada vez mais presentes nos hábitos referentes à alimentação, consumo, espaços, dentre outras manifestações, a diferença tem lugar de destaque. Não se pode dizer, pois, que exista uma uniformização, ou ainda uma homogeneização territorial. A globalização atinge, de forma seletiva e diferenciada, os lugares e as pessoas. Alguns grupos sociais tendem a resistir ao processo de individualização, organizando-se e agrupando-se em torno de um elemento aglutinador, a identidade. As bases territoriais é o palco da manifestação dessa identidade coletiva, que se afirmam em função das singularidades culturais, históricas e sociais de um grupo, tendo em vistas o controle de seus próprios espaços de vivência (CASTELLS, 2003).

Pretendemos com este estudo exemplificar, justamente, como a sociedade capitalista não extinguiu a necessidade do sentimento de pertencimento e de reprodução de formas de identidades marcadas pelos vínculos com o território. E como um desdobramento destas preocupações aferir os seus significados sócio-espaciais. Para isso, estudamos um grupo social basicamente constituído por negros, que residem em um bairro rural do município de Viçosa, na Zona da Mata mineira, o Buieieí. Um bairro

abandonado pelo poder público, afastado dos locais de trabalho da maioria de seus moradores, mas, que, mesmo diante dos empecilhos e problemas diversos, permanece como a opção de residência da maioria dos seus moradores. Pretende-se mostrar como a construção das identidades é um fator fundamental para forjar nos indivíduos o sentimento de pertencimento e de resistência às formas de totalitarismos engendradas pela globalização (SANTOS, 2000).

A compreensão da identidade e dos significados territoriais presentes nessa comunidade significa o entendimento, mesmo que parcial - já que a realidade é muito mais complexa do que as teorias estudadas - do nosso tempo e das dinâmicas espaciais contemporâneas. Perceber territorialidades e novas formas de identidades de pertencimento pode revelar também manifestações sócio-espaciais que clamam não apenas por uma racionalidade econômica, material e mercantil, mas, sim, demandas presentes na vida cotidiana, aos valores simbólicos dessas pessoas. Assim, faz-se necessário um conhecimento geográfico que busque interpretar os espaços apreendendo seus significados e dinâmicas, locais e globais, ancorado nos seus processos históricos, na sua unidade, diversidades, e no hibridismo do mundo atual.

Esse estudo pretende colaborar com o saber geográfico no sentido da ampliação das análises e compreensões sócio-espaciais com base na interação das identidades e conformações territoriais, que não são somente econômicas, mas também culturais, sociais e políticas. Nesse sentido, a geografia deve perceber-se como uma ciência do espaço, de um conjunto de relações e formações sociais, não se reduzindo, portanto, somente às análises econômicas. Refletir sobre essas construções socioculturais é pensar na complexidade territorial que estamos inseridos.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo “Identidade, território e territorialidade” discutimos os marcos conceituais das categorias analíticas aqui apresentadas: território, territorialidade e identidade. Procuramos aqui compreender quais os fundamentos que dão sentido à identidade territorial em comunidades rurais. O segundo capítulo, “O Buieié: formação do bairro” trata das questões referentes às formações históricas e sócio-espaciais da comunidade em questão, trabalhando aí já alguns elementos fundamentais para a compreensão das identidades presentes no bairro. No capítulo seguinte, “Cartografia comunitária: delineamentos sócio-espaciais” apresentamos a localização do Buieié, sua configuração espacial atual, considerando aqui a sua situação infra-estrutural, os modos de uso e apropriação do espaço, bem como os problemas existentes no local, aspectos pelos quais logramos uma melhor

demarcação espacial da comunidade. No capítulo quatro “A Construção das Identidades e os significados territoriais: entre as proximidades e os estranhamentos”, são apresentadas as proposições teóricas relacionadas ao nosso objeto de estudo, discutindo as relações entre identidade, território e o Buieí. Finalmente, faz-se algumas considerações finais sobre o trabalho.

## **Metodologia da pesquisa**

O trabalho intenta compreender os significados territoriais e a construção de identidades em uma comunidade rural do município de Viçosa, o Buieie. Para realizar essa tarefa, o universo da pesquisa abrangeu a população residente nessa comunidade, que compõe um conjunto de aproximadamente 60 famílias.

Os fundamentos teóricos adotados priorizaram as discussões acerca da identidade, territorialidade e território, alicerçados sobre as idéias de Castells (2003), Néstor Garcia Canclini (1998), Stuart Hall (2006), Milton Santos (2000, 2006), Rogério Haesbaert (1997, 2002, 2007) dentre outros, referências fundamentais no trabalho. Essas discussões direcionaram as análises dos processos identitários, territoriais e das territorialidades procurando compreender a cultura, os valores que regem as ações do grupo estudado, seu processo organizacional e identitário, bem como as características referentes ao território. Dentre os estudiosos que tratam da questão da territorialidade, em específico, nos baseamos em Sarita Albagli (2004), nos geógrafos Marcelo Lopes de Souza (2006) e Raffesttin (1993) e ainda em Boaventura de Souza Santos (2002), que não fala de territorialidade propriamente dita, mas traz uma imensa contribuição para nosso trabalho no que se refere às diferentes apreensões espaços-temporais na atualidade. Esses conceitos são os fios condutores que nos levarão aos objetivos propostos nessa monografia.

Desse modo, o pilar que sustenta essa pesquisa está na articulação destas três categorias (território – identidade – territorialidade). Com efeito, logramos por elas a construção da discussão anteriormente proposta, de modo a recobrir os processos que envolvem os sujeitos e suas relações nos espaços de vivência. Porquanto estas categorias sejam apresentadas em suas especificidades distintivas, mostram-se, todavia, interdependentes.

A opção metodológica nesse trabalho foi pela pesquisa qualitativa, levando-se em conta a natureza do objeto de estudo sob uma perspectiva dialética. Acredita-se, pois, que esse método pode proporcionar com maior acuidade indícios e possibilidades quanto a uma maior compreensão de fenômenos sociais, conferindo-se relevância aos aspectos subjetivos da ação social, de modo a enfatizar as especificidades das origens e da razão de ser de um fenômeno. Ademais, possibilita analisar não só o que está dado no discurso dos interlocutores, como também as ações práticas do dia-a-dia, significativas para a

compreensão da lógica dos sujeitos que as praticam. Neste sentido, é necessário atentar-se ao modo como experimentam, sentem e representam seus espaços de vivência cotidiana. A metodologia adotada conta com o aporte das seguintes técnicas de coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas, observações participantes, consulta a fontes secundárias, revisão da bibliografia circundante ao marco teórico da pesquisa e a confecção de mapas de localização da comunidade Buieié.

Em relação ao número dos entrevistados, apesar de sabermos o número aproximado de residência no bairro, (60), não tínhamos a informação do número exato de casas nos dois núcleos do bairro, a parte alta e a parte baixa<sup>1</sup>. Assim, em princípio, definimos por uma amostra de 20% do total, ou seja, 12, estatisticamente representativa do número total de residências. No entanto, ao longo da pesquisa conseguimos um maior entrosamento e aproximações junto aos moradores do bairro e sentimos necessidade de verificar se alguns fatos são recorrentes para uma maioria da população do Buieié, o que nos levou a estender um pouco mais o número da amostragem que passou para 37 famílias entrevistadas, ou seja, 62% do total de casas existentes no bairro.

Em princípio tencionamos compor dois grupos representativos dos moradores do Buieié: “os nascidos e criados” no Buieié e “os de fora”. Essa subdivisão se justifica visto que atualmente há no bairro certa especulação imobiliária, o que tem levado algumas pessoas de outros lugares (das cidades de Viçosa e Ponte Nova) a fixarem residência na comunidade, e que leva-nos a acreditar haver diferenciação dos processos relacionados à construção identitária dos dois grupos. Nesse sentido, buscamos analisar os possíveis fatores intervenientes nos processos de formação e de (re)configuração daquelas identidades e do espaço da comunidade.

Conforme pudemos observar por meio do trabalho de campo na fase exploratória da pesquisa, o bairro se divide, espacialmente, em dois núcleos: a parte mais alta, o Joãozinho, e a parte mais baixa, o Buieié de baixo. Nesses dois espaços, estabelecemos os seguintes critérios para seleção de nossa amostra, o tempo e o local de residência no bairro:

- 1) “Antigos Moradores” nascidos e criados nas partes alta e baixa do bairro;
- 2) “Jovens Moradores” residentes há menos de 10 anos nas partes alta e baixa do bairro;

---

<sup>1</sup> As informações relacionadas à diferenciação espacial do bairro são elementos que apresentaremos em outros subtópicos da pesquisa.

Dessa forma, 25 famílias entrevistadas são nascidas na comunidade e 12 famílias têm pessoas vindas de outros lugares que fixaram residência no Buieié. Embora possam parecer, a primeira vista, que essas pessoas vindas de fora sejam estranhas à ao bairro, esse fato não se confirmou. Muitos dos moradores que não nasceram no Buieié, mas que se mudaram para lá, já conheciam uma ou outra pessoa da comunidade, ou seja, mesmo vindo de fora já tinham algum contato com ela, portanto algum conhecimento do bairro e das pessoas que nele vivem. Por conseguinte, isso nos leva a supor que elas não encontraram praticamente nenhum tipo de estranhamento ou barreira para se mudarem para lá. A esse respeito analisamos também se os moradores “nascidos e criados” se sentem incomodados com a presença dos de fora, esses são dados que apresentaremos no tópico referente às constituições identitárias do Buieié.

Do mesmo modo que dividimos a nossa amostra entre os “nascidos e criados” e os “de fora”, analogamente procedemos em relação à idade dos moradores, pois acreditamos também que a construção das identidades e os significados territoriais entre as diferentes idades se dão de forma diferenciada. Essa divisão se justifica também na medida em que pretendemos verificar se esses elementos identitários e territoriais na comunidade é uma necessidade que perpassa gerações.

No que diz respeito à divisão dos moradores quanto à faixa etária, temos a seguinte representação:

- “Moradores Jovens”: 9 entrevistados se encontram na faixa etária com menos de 25 anos de idade, residentes nas duas localidades, a parte alta e a parte baixa do bairro.

- “Moradores Adultos”: a faixa etária que compõe esta amostragem foi subdividida em adultos de 26 anos até 44 anos, 10 dos entrevistados, e adultos de 45 a 59 anos, 10 entrevistados, moradores da parte alta e a parte baixa da localidade.

- “Moradores Idosos”: 8 entrevistados se encontram na faixa etária acima de 60 anos das duas localidades, a parte alta e a parte baixa do bairro.

Os primeiros contatos com o campo, como já foi dito, se deram de maneira informal, a partir de visitas ao bairro na fase exploratória da pesquisa, do estabelecimento de conversas informais com os antigos moradores, com quem buscamos informações a respeito da história do bairro, do seu processo de criação, da construção das primeiras moradias e de alguns dos temas específicos relacionados à pesquisa.

Nossa inserção ao bairro principiou-se através de um contato prévio com uma das moradoras. Nesse contato, expusemos os objetivos da pesquisa e o nosso interesse de

pesquisa no bairro. Tal exposição e contato facilitaram-nos nossa inserção junto aos demais moradores do Buieié.

No ultimo momento, elaboramos um mapa de localização, através do software Google Earth, das diferentes territorialidades e das famílias do Buieié, no sentido de elucidar a problemática discutida. Assim, por fim, os dados, as informações, as discussões teóricas e os mapas foram analisados, permitindo-nos apresentar algumas conclusões a respeito das identidades, territorialidades e dos significados territoriais do Buieié, dessa forma compreender quais as fontes de significados que levam seus moradores a estabelecer uma relação identitária com aquele espaço.

## **1. Identidade, território e territorialidade.**

Para realizar as análises dos processos de construção de territórios e identidades em espaços marginalizados e excluídos do sistema capitalista, no nosso estudo o bairro do Buieié, é necessário se ater a um referencial teórico que possa dar suporte à abordagem. Nesse sentido, alguns conceitos são bastante pertinentes para explorar o tema, pois eles serão os condutores dos objetivos de pesquisa propostos nessa monografia. Esse referencial teórico nos permitiu adentrar nas discussões em torno da formação territorial do bairro e suas configurações sócio-espaciais atuais, além de servir como base às discussões sobre a construção de uma identidade territorial apoiada no sentimento de pertencimento na localidade investigada. Os conceitos que consideramos fundamentais na pesquisa e que estão articulados na construção dos objetivos são: identidade – território – territorialidade.

### **1.1 A identidade**

A identidade, segundo Castells (2003), é uma dos elementos mais importantes na constituição do espaço. O espaço, portanto, é uma necessidade básica para que os grupos sociais possam estabelecer suas relações e afirmarem suas identidades. A identidade entendida nos termos desse autor se apresenta como sendo formas de diferenciação do eu com o outro, construída sob atributos culturais específicos, ou ainda com base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados.

Castells (2003) discorre ainda sobre a inter-relação presente na construção das identidades, pois os indivíduos são envoltos por múltiplas identidades e atributos culturais, ora um prevalecendo sobre o outro, o que acaba gerando tensões e conflitos. Ainda para Castells (2003), toda identidade é socialmente construída, e seus significados e símbolos são determinados pelos próprios atores que as constroem, ou seja, no processo de construção de identidades são herdados elementos históricos, geográficos, biológicos, econômicos e institucionais dos próprios indivíduos construtores. Esses processos, que são construídos em contextos marcados por relações de poder, dão forma e origem à construção de identidades, que são dinâmicas, não-essencialistas e distintas.

As idéias sobre identidade presentes no trabalho do argentino Néstor Garcia Canclini (1998) intitulado *Culturas Híbridas*, estão afinadas com as de Castells (2003). Esse autor parte dos pressupostos históricos e espaciais dos grupos sociais para compreender o processo de formação das identidades. Canclini vai argumentar que as identidades não podem ser compreendidas apenas pela preservação de sua tradição e de seus símbolos, isso significaria a desvinculação de seus traços espaciais e temporais nos quais foram formados. Com efeito, o autor nos diz que a compreensão dos traços e fatos das identidades isoladamente é insuficiente para afirmar uma identidade coletiva, devendo esta ser sempre analisada de forma relacional com “o outro”, o que levará o autor a considerar o hibridismo cultural presente nas identidades de hoje. (CANCLINI, 1998). Porém é importante destacar que a identidade de um grupo não é necessariamente vinculada a uma base concreta como, por exemplo, ao espaço. A definição de Canclini sobre identidades se refere principalmente às identidades sociais das pessoas enquanto grupos organizados.

De acordo com Stuart Hall (2006) é no confronto de poder causado por esse processo relacional com o outro é que as identidades estão, cada vez mais, se fragmentando, argumentando, neste sentido, que as identidades modernas são definidas historicamente e não biologicamente, porquanto elas (as identidades) “*costuram o sujeito à estrutura*” (HALL, 2006, p.11). Daí ele concluir que as identidades são sempre contextuais e seguem as dinâmicas da sociedade. Acerca disso, o autor assinala:

*A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações e representações culturais se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.* (HALL, 2006, p. 13)

Hall (2006) acredita que na contemporaneidade deveríamos falar em identificação e não em identidade, já que a identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e conscientes, e não algo inato, que já está presente nos indivíduos desde o momento de sua gênese. Por isso, esse autor também vai justificar as análises espaciais e temporais para a compreensão das identidades, ou seja, em certa medida, para o autor, o que está sendo colocado em discussão é o confronto entre o local e o global na transformação das identidades. Desse modo, uma das principais

leituras que se deve fazer dos processos e construções identitárias é a que recobre a apreensão do espaço e do tempo dos grupos sociais nos contextos atuais.

Para Haesbaert (1997), a identidade no pensamento moderno é entendida como estruturação de pessoas e símbolos ao redor de elementos aglutinadores, ou seja, é o agrupamento “dos iguais” do que é reconhecido como comum perante a multiplicidade de sujeitos e objetos da atualidade. A maioria dos autores não traz nas análises uma idéia concreta de identidade, tendendo a compreendê-la apenas através de suas representações simbólicas. Haesbaert vai chamar atenção para a importância de se considerar as bases materiais, e mais territoriais, nos processos de construção de identidades. Esse autor vai trabalhar o conceito de identidade enquanto uma condição referenciada às coisas e as pessoas, num processo relacional de semelhanças, igualdades e diferenças. Nessa perspectiva, as identidades agregariam uma rede de relacionamentos com o outro, com o externo, sendo também dotadas de uma materialidade.

Ainda de acordo com o autor, as identidades sociais podem ser entendidas como identidades territoriais, no momento em que um dos elementos centrais para a construção das identidades passa pelo território. Para esse autor as identidades se identificam com um espaço simbólico, sendo esse social historicamente construído. O espaço seria, assim, uma referência para a construção das identidades. (HAESBAERT at all, 2007). E assinala: [...] “*a construção do imaginário de identidade envolve, portanto uma escolha entre múltiplos eventos e lugares no passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade*” (2007, p. 37). Dessa forma, as identidades com seu caráter múltiplo são sempre configuradas em relação ao passado, ao tempo, e também em relação ao presente, ao espaço, à dimensão geográfica atual.

A abordagem apresentada por Haesbaert é a que consideramos mais apropriada para essa monografia, pois ela é constituída pela inter-relação de três eixos: o tempo, o espaço e as relações sociais. Ou seja, a identidade territorial é entendida como resultado das relações sociais de um grupo em um determinado espaço ao longo de um tempo.

Com essa abordagem é possível compreender não apenas as relações sociais do grupo estudado, mas também a noção de pertencimento a um território.

## 1.2 O território

A palavra território está tradicionalmente enraizada no imaginário social e até mesmo no pensamento científico associada ao “território nacional”, político, que tem na figura do Estado o seu gestor. Podemos, de fato, considerar o território em escala nacional, no entanto não devemos esquecer que territórios existem e são construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas, temporais e espaciais. Território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, quer seja entre o Estado, entre movimentos sociais, pequenas comunidades, famílias ou trabalhadores, e que mantenha certa continuidade quanto às características dos recursos naturais, culturais, econômicos e sociais (SOUZA, 2006).

Nessa perspectiva, território é uma área onde quem produz possui vínculos históricos e identitários relacionados com o espaço físico ocupado, ou seja, é uma dada porção do espaço geográfico onde se dão todas as relações sociais, econômicas, culturais, políticas e ambientais de um grupo, necessárias à sua reprodução social em um tempo determinado.

No entanto, o território não é somente a síntese equilibrada da variedade dos atores locais que o compõe, ele agrega uma complexa teia de relações de poder de diferentes naturezas, poder dos atores sociais mais diretamente envolvidos, poder político da conjuntura nacional e internacional, de corporações econômicas, dentre outros. (HAESBAERT, 2002).

É fundamental entender o território como espaço de disputas de poder, como coloca Raffestin (1993), uma vez que a problemática da afirmação de identidades territoriais envolve o conflito de poder de diversos grupos sociais que possuem interesses ou influência sobre uma dada fração do espaço. Na definição de território, Raffestin associa-o ainda a malhas, redes e *nós*, pois considera que é no sistema de relações com o externo, com o outro, que o território se afirma, “*o que é meu do teu*” ou distinguindo “*o nós dos outros*”.

Santos e Silveira (2004) destaca que o território é o espaço concreto mais a população, ou seja, o espaço mais a identidade, a existência de um sentimento de pertencimento relacionada a uma porção do espaço. Território é, para esse autor, o espaço que é a base do trabalho, da moradia, das trocas materiais e simbólicas da vida, da família, da cidade, etc; características sobre as quais o espaço influi, se tornando, portanto, território utilizado por uma dada população.

As noções de território e espaço são segundo Santos, distintas. O espaço exige certa abstração para compreendê-lo, enquanto o território é um espaço apropriado pelo fator social, que percorre seus limites através de relações de poder e afetividade com o espaço físico.

Bombardi (2004) fala que o conceito de território é fundamental para compreender e caracterizar um bairro, especialmente os rurais. Com esse conceito é possível compreender não apenas as relações sociais, mas também a noção de pertencimento, que estão na gênese e imprimem sentido aos bairros rurais.

Nice Lecoq Muller (1946: 142) *apud* Bombardi (2004: 59) define bairro rural como sendo:

*[...] qualquer conjunto de casas dispersas suficientemente próximas para que se estabeleçam relações entre seus habitantes. Não sendo propriamente uma unidade morfológica, pois que abrange várias formas de dispersão, o bairro é na realidade uma célula de comunidade social onde existem certos tipos de relações sociais a lhe darem corpo: laços de parentescos ou de vizinhanças, reforçados freqüentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro.* ( Nice Lecoq Muller (1946: 142) *apud* Bombardi (2004: 59)).

Pode-se perceber nessa definição que a idéia de relações sociais de solidariedade é muito importante na formação de um bairro rural, sendo tais características responsáveis pelo sentimento de pertencimento ao território.

Na mesma direção seguem as discussões de bairro rural apresentadas por Antônio Cândido (1982). Para esse autor o bairro rural é uma “*naçãozinha*”, onde a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formam uma unidade diferente das outras.

E é justamente no reconhecimento e no pertencimento à localidade que acreditamos poder falar da construção de uma identidade territorial no Buieié. Essa identidade é constantemente influenciada pelo território, e este, num movimento dialético, influenciado pelas transformações e (re)significações das identidades sociais em questão. O bairro rural do Buieié se configura pela expressão de uma identidade territorial de um grupo: os negros libertos do regime escravocrata que possuem uma história comum, uma maneira particular de relacionamento com aquela porção do espaço e um trabalho que vai modificando o meio natural ao longo do tempo, dando novos sentidos e significados às práticas cotidianas.

Acreditamos que no Buieieé existem laços sociais que podem originar proteção e retorno a um ambiente familiar, que são construídos em torno de alguns elementos comuns como, por exemplo, a história ou a própria família, que representam de certa maneira um abrigo contra alguns efeitos indesejáveis da globalização, tais com a fragmentação das relações sociais, o racionalismo estatista quanto à utilização do espaço e a descaracterização e mesmo a supressão do modo de vida tradicional e tranquilo do bairro.

Dessa maneira o território estaria impregnado não só de relações de poder, mas também de laços de identidades que tentam, de alguma forma, demarcar seu território, ou seja, cria uma identidade territorial definidora da alteridade, já que se entende que o poder não é manifestado apenas na esfera política, mas também na forma de poder simbólico. O território, nesse sentido, é entendido nesse trabalho como a identidade espacial de um grupo, produto de uma apropriação simbólica do espaço e de redes relacionais, internas e externas.

### **1.3 A territorialidade**

O território é entendido num sentido mais subjetivo/afetivo, como um espaço físico delimitado e apropriado por um grupo específico, com características culturais também específicas, ligado às relações mais funcionais e culturais que molduram a territorialidade de um grupo, determinando, assim, o valor de uso dos espaços como parte singular de um espaço maior, ou mesmo de outro território.

Daí poder-se entender por territorialidade a forma como as relações sociais e de poder se materializam no espaço. A sociedade, ao se espacializar - organiza-se de modo a imprimir formas no espaço para realizar funções relacionadas à sua reprodução social – sempre o faz numa estrutura de organização que envolve poder, redes e identidade –, assim o território se caracteriza pela forma de apropriação, ou territorialidade imprimida no espaço ocupado (SOUZA, 2006).

A idéia de territorialidade incorporada pela geografia, e também por outras ciências sociais, é a de que a compreensão dos comportamentos humanos deva ser feita também através da compreensão das formas de relacionamento do homem com o espaço. Segundo Albagli (2004), a territorialidade refere-se não somente às relações sociais, mas mais propriamente entre relações e o seu meio de referência, e que pode

ser manifestado nas várias escalas geográficas: local, regional e nacional. Por isso, a idéia de várias dimensões da territorialidade, ou de multiterritorialidade.

Para Raffestin (1993), a territorialidade contém as características de um território, seu conteúdo, sua materialidade e imaterialidade. Territorialidade seria uma forma de vínculo do homem ao meio, *a terra*. O território envolve, nessa perspectiva, uma ordem de subjetividade coletiva, que possibilita aos grupos sociais articulações territoriais de resistência contra as imposições feitas por outras ordens políticas, sociais, econômicas e culturais, principalmente as derivadas do mercado, dominantes no mundo atual. É esse a perspectiva adotada nesse trabalho, a idéia de uma identidade territorial caracterizada pela resistência aos efeitos da globalização, em que a territorialidade imprimida no espaço passa a atender as necessidades de reprodução social do Buieíé.

Distintas territorialidades correspondem a temporalidades também distintas e coexistentes, segundo Albagli (2004), e é justamente por isso que se têm hoje sociedades “*mais*” ou “*menos*” desenvolvidas, ou “*atrasadas*”, ou seja, existe uma idéia de que o mundo é reduzido à lógica do mercado e segue uma linearidade.

De acordo com Boaventura de Souza Santos (2002), existe uma multiplicidade de experiências espaços-temporais que estão sendo desperdiçadas. Somente através da compreensão da existência de novos espaços-tempos é que será possível identificar e valorizar a riqueza inesgotável do mundo presente. Os países centrais do sistema mundial, seus conhecimentos, instituições e formas de sociabilidade imperialistas, são responsáveis pela instituição de uma concepção comum a todo o ocidente de linearidade do tempo e até de espaço. Esta idéia produz uma não-existência declarada, considerando tudo o que não siga essa lógica como atrasado e assimétrico em relação ao que é considerado avançado.

Se o território é uma construção histórica, sem esquecer que dele fazem parte diferentes formas de apropriação e domínio da natureza, as territorialidades também são forjadas socialmente ao longo do tempo, em um processo de relativo enraizamento espacial.

## 2. O Buieió: formação territorial

O bairro Buieió está localizado na região da Zona da Mata Mineira, microrregião de Viçosa (Zona rural), no estado de Minas Gerais. As terras pertencentes ao bairro eram, há quase cem anos atrás, parte integrante de uma antiga fazenda de engenho de açúcar, de propriedade de uma rica senhora, cognominada Nanhá do Paraíso. A figura 1 logo abaixo demonstra a localização do bairro com relação à cidade de Viçosa.

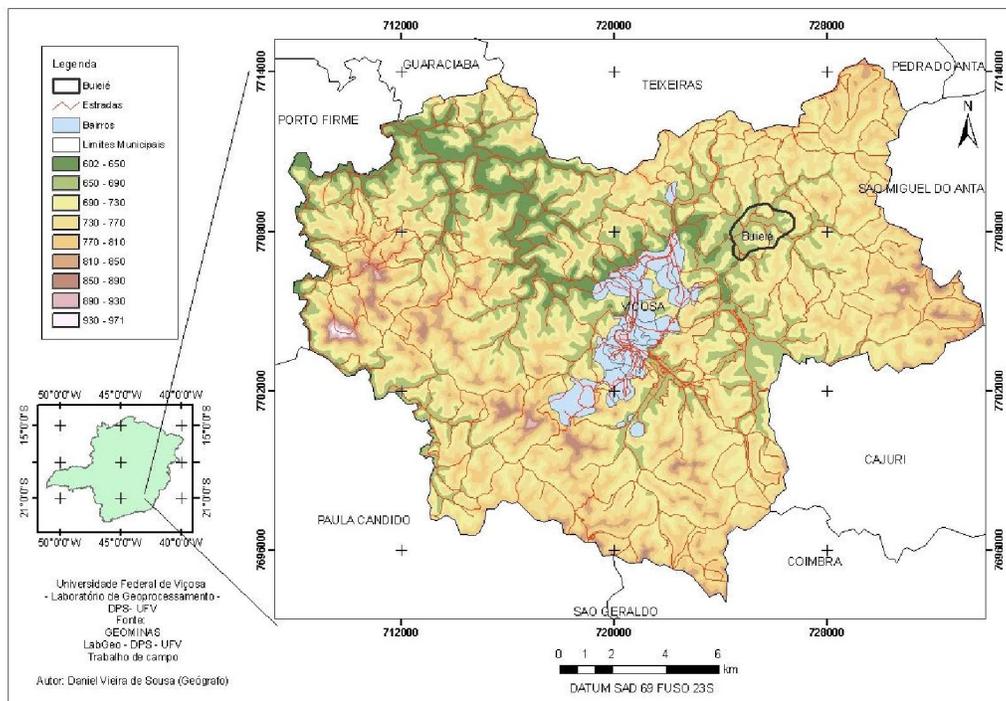


Figura 1: Mapa de localização do Buieió no município de Viçosa.

Durante a pesquisa foram poucos os relatos sobre os primeiros anos de vida do Buieió, os entrevistados que sabiam referências históricas da formação do bairro eram somente os mais antigos do Buieió, mas mesmo assim não sabiam no falar ao certo. Essa dificuldade em relação à memória de comunidades negras pode estar relacionada a pouca valorização de suas trajetórias e de suas histórias de vidas. Na visão de Wissenbach (1997, p.52):

*A pecha de vagabundos e ociosos, desorganizados social e moralmente que lhes foi atribuída na visão daqueles que reconstruíram o país após a desmontagem do regime escravista, impede a princípio a interpretação de suas trajetórias sociais enquanto movimentos singulares, vivenciados nos limites do que era possível, mas com base em escolhas e valores próprios. (WISSENBAACH, 1997, p.52)*

Esse aspecto em relação aos levantamentos históricos do bairro, no entanto, não dificultou a construção da pesquisa no que se refere às identidades, pois entender a realidade, através das experiências sociais presentes é o mais importante. Nesse sentido, conseguimos apreender histórias interessantes no que se refere à formação do Buieié.

Entre os moradores existem duas narrativas para explicar como as terras foram apropriadas por eles ao longo do processo de constituição e estruturação do Buieié. Na primeira versão, contada inicialmente em conversas informais com antigos moradores, as terras foram compradas por uma ex-escrava, Maria Luiza do Carmo. Para efetuar a compra, essa senhora criava suínos para comercializar e, “*com muita dificuldade*”, o dinheiro da venda desses animais possibilitou-a adquirir aquelas terras. Justificando a escolha, os moradores dizem que:

*A sinhá era boa, não confiava nos brancos somente nos seus negros; dizia que se um dia caísse, só os seus negros a ajudariam, por isso vendeu as terras para sua cativa que era vó do João. (Entrevistado 16, 86 anos, nascida e criada no Buieié, 2008)*

*A escrava que comprou as terras era afilhada da fazendeira. A escrava é avó do João e minha. Aí as terras foram sendo passadas para os filhos. (Entrevistado 4, 87 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).*

*Isso aqui é herança da minha avó Maria Luiza que engordava capado e só comia a barrigada, juntou dinheiro e comprou as terras e foi doando para os filhos e assim por diante, aí estamos aqui até hoje cuidando disso aqui. (Entrevistado 14, 63 anos, nascido e criado no Buieié, 2006).*

A segunda versão contada a respeito de como as terras chegou até eles, diz que, com o declínio do escravismo, a antiga proprietária *doou* duas grandes extensões de terras a seus escravos forros. Depois da doação, as terras foram sendo repassadas de pais para filhos, depois para os netos e, de geração em geração, o bairro foi sendo criado. Como foi descrito na fala de um dos moradores:

*Isso aí foi minha bisavó que deixou pra minha avó, que deixou pra minha mãe e agora a gente fez usocapião dela, é nossa. Antigamente não tinha nada de documento daqui não, agora a gente tem, não*

*dividimos nada não a gente achou melhor deixar assim mesmo. A terra é de nós tudo aqui, meus irmãos moram tudo aqui um do lado do outro, não tem porque separar, aqui nós somos 7. Quando tinha a fazenda aqui era assim, de todos juntos, depois que ganhamos essas terras é que o povo começou a separar as coisas.* (Entrevistado 33, 44 anos, nascido e criado no Buieieé, 2008)

Nesse relato pode-se perceber também um outro fato interessante presente no Buieieé. A terra, em algumas famílias, é considerada como sendo patrimônio de um grupo (da família), ou seja, ainda não foi parcelada no sentido capitalista, não foi submetida ao valor de troca. Algumas famílias no bairro ainda possuem terras coletivas e preferem não fazer o parcelamento do solo, pois seria uma maneira de manter as terras como no passado, na época de seus pais.



Figura 2. Antigos moradores nos contando algumas histórias sobre o Buieieé.  
Autor: Lucas Magno, 2007.

Adquirida por meio da doação ou da compra, a população dos ex-escravos constituiu um pequeno aglomerado de casas nos arredores da antiga propriedade de engenho de açúcar. Assim, se instaurou um processo que poderia ser denominado de reterritorialização, visto que o mesmo diz respeito à possibilidade de reconstituição de uma cultura tradicional em terras já antes habitada por aquela população.

A passagem da reterritorialização descrita por Antônio Cândido na obra “*Parceiros do Rio Bonitô*”, remetendo-se aos caipiras de Bofete, São Paulo, retrata bem

essa passagem, nos possibilitando um paralelo entre aquela população, com a população de Buieié, resguardando as devidas especificidades:

*Sobre as ruínas do latifúndio produtivo, na ausência de liderança econômica, a cultura tradicional se refez como cicatriz, restabelecendo-se o ritmo interrompido da vida “caipira”. A fazenda se tornou quase-bairro no sentido social da palavra. (CÂNDIDO, 1982: 116).*

Segundo, Wissenbach (1997), antes mesmo da abolição da escravidão era comum que bairros negros se formassem aos arredores das antigas propriedades de engenho, e essa característica fez com que se mantivessem as territorialidades das comunidades negras pelo Brasil. Ou seja, mesmo sendo libertos, essa massa fixava-se nos arredores das fazendas de engenho para suprir a demanda da produção agrícola, antes feita pelos escravos e, depois, por trabalhadores livres. Essa forma de territorialização das comunidades afros, recém libertas nas cercanias dos antigos proprietários, justifica, segundo Wissenbach (1997), a incipiente produção das mesmas para atender os mínimos vitais, pois ainda viviam do trabalho rural nas antigas fazendas.

Nesse sentido, no Buieié pode-se dizer que houve uma desterritorialização parcial das pessoas moradoras da antiga fazenda e, logo após, uma re-territorialização também parcial, mas com uma configuração distinta, já que com a reterritorialização as pessoas tornaram-se proprietárias dos seus espaços de vivências.

Embora tenhamos conseguido essas informações junto à população moradora, no que se refere à constituição do Buieié, foram poucos os entrevistados que sabiam falar sobre as histórias de formação do bairro, e esses são os três moradores mais antigos que resguardam essas histórias. A maioria dos entrevistados ofereceu somente referências históricas vagas e imprecisas sobre a origem do Buieié, sendo que alguns deles acreditam que ele tenha se constituído a partir de um quilombo, outros que ele tenha surgido a partir de uma comunidade de ex-escravos. A esse respeito apresentamos as falas dos entrevistados, principalmente dos mais jovens e adultos, entre 25 e 44 anos, elucidativas desse fato:

*Não sei a história do bairro não. Só sei que tinha escravidão, os antigos contam, já achei cachimbo igual de índio no mato. (Entrevistado 1, 64 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).*

*Sabe da história um pouco a gente sabe, por que já ouviu falar, os mais velhos falam que é uma comunidade remanescente de*

*quilombo, alguns da comunidade pegaram o fim da escravidão, isso a gente ouve falar deles mesmo, mas não sei te falar certo não.* (Entrevistado 36, 15 anos, nascido e criado no Buieíé, 2008).

*Eu acho que é daquela época dos quilombolas, não sei direito não, mas tem a ver com a história dos escravos.* (Entrevistado 35, 21 anos, nascida e criada no Buieíé, 2008).

*Não sei. Nas escolas ensina que o bairro é chamado de Bueié porque era um quilombo, e o chefe era chamado por Bueié, o nome do bairro é uma homenagem a esse chefe.* (Entrevistado 8, 31 anos, nascida e criada no Buieíé, 2006).

Quando indagávamos os moradores mais antigos sobre o desinteresse dos mais jovens nas histórias do bairro, eles (os mais antigos) nos falavam que ”*hoje, os mais novos, não querem saber de nada*”, ou seja, não se interessam pelos acontecimentos que marcaram e ainda marcam a formação do bairro. Nas falas dos moradores mais antigos é recorrente a menção ao fato da falta de maiores referências quanto a história do bairro pelos mais novos. Segundo eles:

*[...] os jovens saber de histórias daqui? Sabe nada bobo, eles não se preocupam com isso não, só querem saber de festas e folia.* (Entrevistado 2, 72 anos, nascida e criada no Buieíé, 2006)

*Aqui quem sabe das histórias é só eu e Dedinha mesmo, os meninos aí não querem saber de nada não.* (Entrevistado 3, 72 anos, nascido e criado no Buieíé, 2006).

*[...] menino cê já viu como é que é né, não se preocupam com nada, só quando tem festa, aí eles sabem de tudo. Agora, saber de onde moram, sabe é nada, quem sabe isso aqui é só gente do meu tempo mesmo.* (Entrevistado 16, 86 anos, nascida e criada no Buieíé, 2007).

Nas falas dos jovens apresentadas acima, bem como nas dos mais idosos, se percebe que a história do Buieíé não é uma história que perpassa gerações, ficando restrita à população mais antiga, considerada pela população mais jovem, ou mesmo por eles próprios, como detentores do saber histórico da comunidade. Além disso, pode-se perceber também alguns aspectos que caracterizariam um conflito entre gerações no Buieíé, o que indicaria também o início de uma transformação social no bairro, em que os jovens não se interessam mais pelas suas trajetórias sociais.

Essa falta de referências históricas, principalmente para os mais jovens do bairro, não necessariamente descaracterizaria a singularidade daquele território. As histórias territoriais do Buieié, atualmente estão presentes não só na memória dos mais velhos do bairro, mas também entre os mais jovens, muito embora transformadas e (re)significadas. Para esse segmento social, como será analisado na seção seguinte, existe uma atividade cultural que faz referências à cultura negra, o projeto “Tambores do Buieié”, realizado por uma organização não governamental, o Núcleo de Arte e Cultura da Vióleira (NAVI), que, de certa forma, contribui para a manutenção e (re)significação do território e da história do bairro entre esse segmento social.

Maria José Carneiro (1998) discorre sobre o reconhecimento de um espaço por um grupo, que passa, no primeiro momento, pela memória coletiva herdada de gerações anteriores. Entretanto, a memória coletiva também é portadora das transformações, e indicam obstáculos a serem superados, quando não é difundida em meio aos moradores de uma localidade, ou seja, *“um grupo que não tem memória de seu passado teria, sem dúvida, alguma dificuldade de desdobrar a imaginação de seu futuro através de tomadas de consciência sucessivas”* (RAMBAUD, 1981: 274 *apud* CARNEIRO, 1998: 63). Nesse sentido, essa autora vai falar que na atualidade existe uma tendência a um movimento de revalorização da memória das comunidades, cujo registro pertence somente aos mais velhos do grupo, podendo essas ser consideradas saídas alternativas na modernidade, à crise de identidade pela qual passamos, e que expressam um “retorno às tradições”, ou seja, uma (re)contextualização do passado, sem, contudo, deixar de incorporar elementos da modernidade.

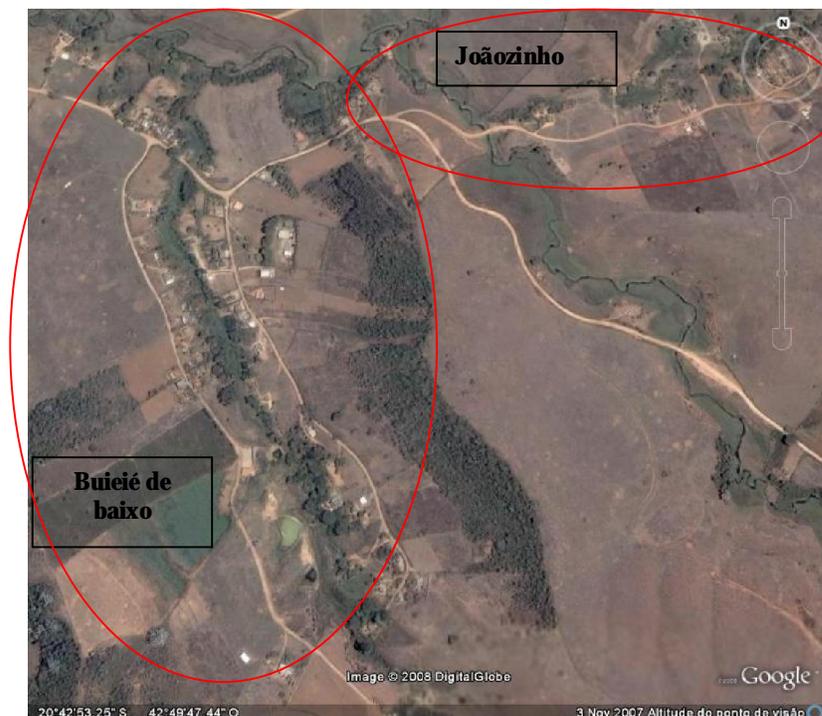
Nesse sentido, as identidades ligadas a formação histórica presentes hoje no Buieié passam por (re)significações, mesmo que feitas por agentes externos a ela. Mas, mesmo sendo trazidas de fora, as identidades (re)significadas estão ancoradas na história e na trajetória social daquele território, fazendo com que a memória seja reativada pela população, sobretudo a mais jovem, que são os que mais participam dos *“tambores”*.

Como já mencionamos, entender as conformações espaciais e temporais atuais é o mais importante para a compreensão das identidades e singularidades do Buieié. Assim, passaremos então a descrever e discutir as atuais conformações do bairro investigado para, a partir daí, passar a identificar, qualificar e compreender as identidades do Buieié.

### 3. Cartografia comunitária no Buieié: delineamentos sócio-espaciais

No que diz respeito à geografia do bairro, subsistem hoje no Buieié dois núcleos: uma parte alta, localizada em área topograficamente mais realçada na paisagem, e uma parte mais baixa, como bem se pode visualizar na Figura 3. Na parte baixa, existe uma maior concentração de casas, uma maior proximidade entre elas e os poucos pontos comerciais existentes no bairro, estão aí concentrados. Essa parte do bairro é conhecida entre os moradores como “*Buieié de baixo*”. Já o outro núcleo, a parte alta do Buieié, conhecida também entre os moradores como “*Joãozinho*”, é a mais tradicional do bairro, assim denominada por não possuir nenhum tipo de comércio e pouca inserção de pessoas de fora, tendo também uma menor concentração de moradores. O Joãozinho é onde residem as pessoas mais idosas do Buieié.

As entrevistas permitiram entrever certa influência representada pela conformação topográfica nas características do bairro e na organização dos núcleos familiares. Maiores explicações do assunto serão tratadas mais adiante, em uma situação mais oportuna das análises da organização sócio-espacial das famílias.



Fonte: Google Earth, retirada dia 04/09/2008.  
Figura 3. Vista geral da comunidade Buieié.

Na parte mais alta do bairro não existe telefones públicos ou pontos de ônibus próximos, pois, se trata de uma localidade de difícil acesso para a instalação desses serviços, a energia elétrica, por exemplo, considerada por alguns entrevistados, sobretudo os mais jovens, fundamentais na atualidade chegou a essa parte do bairro há apenas 10 anos. Outro importante elemento que se torna referência com relação aos aspectos tocantes à infra-estrutura do Joãozinho é o transporte. Para tomar o ônibus para ir à cidade de Viçosa, ou quando os moradores chegam de lá, eles precisam atravessar uma “*pinguela*”, passar por uma trilha no meio da mata e ainda percorrer um longo trecho do ponto final do ônibus até suas casas. Esse percurso fica ainda mais desgastante, quando se considera a existência de uma subida bem íngreme para se chegar ao local, sem nenhum calçamento, o que vale dizer que quando chove a terra vira um verdadeiro lamaçal, o que dificulta ainda mais o acesso.

A dificuldade de acesso prejudica inclusive a ida para o trabalho. Segundo depoimento de moradoras do Joãozinho, que trabalham fazendo faxinas na cidade de Viçosa, chega a ocorrer, vez por outra, a perda do dia de trabalho pelas dificuldades da estrada, pois quando chove “*o acesso é quase impossível*”. A situação se torna ainda bastante crítica quando um morador adoece, pois no bairro não existe posto médico. Por causa disso, eles têm que enfrentar a dificuldade de acesso e os encargos financeiros que isso acarreta. Como eles mesmos dizem, sempre que alguém passa mal na comunidade “*o jeito é pagar táxi*”, ou pagar um morador do bairro que tenha carro. Essa alternativa depende, no entanto, representa gastos aos moradores, sendo que a grande maioria não dispõe de recursos financeiros suficientes para tanto, e para aqueles que eventualmente o possuem essa despesa seguramente representa comprometimentos no orçamento mensal da família, já que muitos sobrevivem com menos de um salário mínimo por mês. Acerca disso ver Tabela 6, sobre a renda dos entrevistados na pág. 58.



Figuras nº4 e 5: Acesso ao Joãozinho: “Pinguela” e trilha a serem percorridas após o ponto final do ônibus.  
Autor: Lucas Magno, 2006.



Figura 6. Rua principal do “Joãozinho”.  
Autor: Lucas Magno, 2007.



Figura 7. Casas de pau-a-pique do Joãozinho.  
Autor: Lucas Magno, 2007.

Com relação à parte mais baixa da comunidade do “*Bujeié de baixo*”, há uma maior aglomeração populacional e a paisagem é, marcadamente, bem diferente. Apesar de muito incipientes e rústicos, alguns serviços estão presentes nessa parte do bairro: três estabelecimentos comerciais<sup>2</sup>, telefone público, igreja católica e evangélica, um campo de futebol, um barzinho onde várias pessoas, principalmente os mais jovens, se

<sup>2</sup> Cujos proprietários se abastecem dos produtos na cidade e revendem a mercadoria no bairro. Esse fato aumenta muito o custo final do produto aos consumidores. Por causa disso, conforme colocaram os moradores, muitos preferem fazer suas compras na cidade.

reúnem para conversas e diversão<sup>3</sup>. Nessa parte mais baixa as casas, apesar de possuírem uma melhor infra-estrutura no que diz respeito à edificação, estão em lotes menores, o que se explica pelo fato de que grande parte das famílias efetua sua divisão com outros parentes. Todas as casas são em alvenaria, e o estilo revela a influência das moradias urbanas, com modelos mais diversificados. Além disso, as moradias são mais próximas umas das outras, obedecendo a um alinhamento que acompanha o traçado das ruas. Estas, como na parte alta, não possuem nenhum tipo de calçamento, como bem se pode observar nas duas figuras a seguir (figuras 8 e 9).



Figura 8. Rua principal do “Buieié de Baixo”.  
Autor: Lucas Magno, 2006.

---

<sup>3</sup> Nos finais de semana, neste barzinho, acontece também um pagode e o forró que é freqüentado pelos moradores do bairro e pessoas de outras localidades próximas ao Buieié.



Figura 9: Casas de alvenaria da parte baixa do bairro  
Autor: Lucas Magno, 2008.

No bairro como um todo existe cerca de 60 casas construídas, a maioria, por meio do sistema de mutirão, conforme já apontava o trabalho de Pereira (2000). Segundo os moradores, essa prática ainda persiste como um recurso utilizado pela população, muito embora ela tenha sido mais utilizada no passado.

No que concerne ao padrão habitacional à grande maioria das casas possui, em média, cinco cômodos com cinco moradores. No passado, as casas do bairro eram de pau-a-pique, atualmente, “com as chuvas”, elas foram caindo e só restam algumas poucas no Joãozinho como se pode observar nas figuras nº 6 e 7. Nessa parte do bairro, observa-se a presença de casas mais rústicas do que entre os moradores da parte mais baixa.

A grande maioria das casas do Joãozinho possui poucos e pequenos cômodos, com uma área maior de terra espaçando uma casa da outra. Nesta localidade, atualmente, registra-se um número de aproximadamente quinze casas, número que já foi maior no passado, segundo alguns moradores, sendo menor também em comparação à parte mais baixa da comunidade. Segundo alguns entrevistados, há mais ou menos 40 anos a parte alta do Buieié apresentava um número bem maior de casas que atualmente. Muitos foram embora do lugar em busca de maiores oportunidades de trabalho e renda.

A grande maioria dos moradores do Buieié não teve ajuda financeira para a construção das casas – somente cinco casas foram construídas com a ajuda da prefeitura, mesmo assim com pouco investimento –, os moradores as fizeram com seus próprios recursos, utilizando-se, desse modo, da autoconstrução e da ajuda mútua. Algumas casas não possuem piso, são de cimento grosso ou mesmo de “*chão batido*”,

não sendo pintadas nem por dentro nem por fora, algumas sem portas divisórias separando o banheiro. O banheiro existe no bairro há pouco mais de dez anos, muitos só recentemente estão sendo construídos com a ajuda da prefeitura.

Os moveis são, na maioria das habitações, surrados, observando-se poucos aparelhos domésticos, e em todas as casas pode-se verificar a presença do fogão à lenha, que se mantém. Em parte delas, notou-se o uso do fogão a gás, que pouco era utilizado em função dos preços do botijão de gás. Segundo a fala de algumas mulheres também contribuía para isso certa falta de habilidade em lidar com eles e mesmo a preferência pelo fogão à lenha, pois “*a comida fica mais gostosa e quentinha*”. Justificando a falta de uso desse equipamento, duas mulheres disseram não saber usá-lo, tendo medo de certos riscos do fogão a gás.



Figura 10 e 11 - A preferência do fogão à lenha em detrimento do fogão à gás  
Autor: Lucas Magno, 2006.

Segundo Wissenbach (1997), as habitações rurais, principalmente aquelas dos negros recém libertos, seguiam quase que o mesmo padrão em todo o Brasil; além disso, elas eram recobertas de mitos e crenças.

*[...] uma série de crença acompanhavam as construções das casas, os cipós usados nas amarrações deveriam ser tirados na lua minguante, as estacas na crescente, e o revestimento de barro deveria ser feito preferencialmente na minguante para evitar que se quebrassem em demasia, enquanto outras garantiriam sua proteção – chifres de boi pendurados nas portas das casas para livrá-los do mau-olhado e impedir a chegada de determinados animais. (Wissenbach, 1997, p. 66-67).*

A figura nº 12 evidencia bem essa passagem transcrita do texto “*Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*”, de Maria Cristina Wissenbach (1997), em que a autora discorre sobre as crenças constituídas em torno das habitações rurais, porquanto também evidencia certas especificidades da construção das casas de pau a pique, feitas com bambus e barro, com a ostentação da carcaça da cabeça de boi na parede, como se pode observar na figura seguinte.



Figura 12: Construções, materiais e imateriais, e no interior e por fora das casas no Buieí  
Autor: Lucas Magno, 2008.

Nos arredores das casas, no terreiro das habitações, pode-se constatar um mesmo arranjo físico-funcional: as casas propriamente ditas, o quintal, o paiol, o terreiro para a horta e também para a lavoura de plantação. Essa disposição espacial das habitações pode ter influenciado as relações sociais entre os moradores, dado que no bairro grande parte dos moradores é formada de parentes, muito embora atualmente haja inserção de pessoas “de fora” do bairro morando no local. Durante as entrevistas, os moradores reiteradamente se referiam ao bairro como um “*lugar familiar*”, ou ainda como uma “*família bem grandê*”:

*Aqui é uma família bem grande, o Buieié é onde tá a casa de todos os meus parentes.* (Entrevistado 16, 86 anos, nascida e criada no Buieié, 2007).

*Aqui quase todo mundo é da família, ali do lado mora meu irmão, o João. Aqui na frente tem minha cunhada Dona Isabel, tenho um filho casado que mora lá em baixo no Buieié, o resto quase todos são primos mesmo.* (Entrevistado 14, 63 anos, nascido e criado no Buieié, 2006).

*Gente da família aqui? Tem muitos, todos os meus irmãos moram aqui, e mais uma parentada danada, aqui quase todo mundo é parente, o Buieié é uma família grande viu, quase todo mundo aqui tem gente da família.* (Entrevistado 8, 31 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

*Tem sim, tem sobrinho, primos, todo mundo é parente aqui, tá.* (Entrevistado 29, 45 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

*Aqui todo mundo é meio aparentado, no Buieié todo mundo sabe quem é filho de quem, primo de quem, é tudo família né.* (Entrevistado 11, 63 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

Os depoimentos apresentados acima demonstram que os laços de parentescos definem a família nuclear em contraste com a “família grande”, ou seja, o bairro como um todo.

Esses são aspectos importantes também na medida em que contribuíram para a configuração espacial do bairro. Atualmente, no Buieié, em cada extensão de terras observa-se a presença de quintais, que têm servido como área de construção de novas casas, de duas a seis casas. Na grande maioria desses quintais, as casas são de proprietários que possuem um alto grau de parentesco: irmãos, filhos, cunhados, pais, dentre outros, ou seja, quase não há filhos casados morando com os pais, todos têm suas próprias casas.

Essas proximidades entre os núcleos familiares são estratégias de sobrevivência do grupo, sugerindo, assim, certa unidade ao plano da família. Elas são formas pelas quais as pessoas se mantêm no bairro sem, contudo, ter que arcar com os encargos financeiros que a compra de um lote de terra ou de uma casa no Buieié, ou fora dele, representaria para as mesmas. Além, é claro, de se apresentarem como importantes formas de manutenção das redes sociais de solidariedade das famílias, de trocas materiais e simbólicas. Ou seja, faz referências também à socialização na

comunidade, em que a “família grande” é muito valorizada como sendo uma instituição social. A reciprocidade é muito expressiva e as responsabilidades sociais não são externalizadas como em sociedades modernas onde creches, asilos e abrigos cumpririam tais funções. Mas, mesmo tendo evidenciado isso em algumas entrevistas, percebemos também que boa parte dos moradores entrevistados sentia falta desses serviços no bairro, a esse respeito ver a tabela 1 na pág. 43 referentes aos problemas no Buieié identificados pela população.

Com relação à utilização das terras nos lotes das famílias, de maneira geral, poderíamos dizer que são utilizadas de modo coletivo. Existem espaços nas propriedades que são de uso comum das famílias moradoras de cada lote, como a roça, o lugar das criações, os pomares de frutas, o lago, etc. Existem outros espaços, como as casas e o entorno de cada moradia, que são usados apenas por um núcleo familiar.



Figura 13. Lote de terra das famílias no Buieié com as diferentes residências dos diferentes núcleos familiares.

Autor: Lucas Magno, 2007.

Essas redes de parentesco contribuíram para a configuração espacial atual do bairro, principalmente no Joãozinho, onde os lotes ainda continuam sendo compartilhados entre os núcleos familiares, sem cercas ou divisões precisas entre os espaços de usos dos moradores do lote, como acontece na parte baixa do bairro.

Para melhor evidenciar esse agrupamento familiar de proximidade, num mesmo lote de terra, observem-se as figuras abaixo retiradas do software Google Earth (2008).



Figura 14: Imagem do Google earth que demonstra a disposição das residências de uma mesma família nos lotes de terras no Joãozinho.

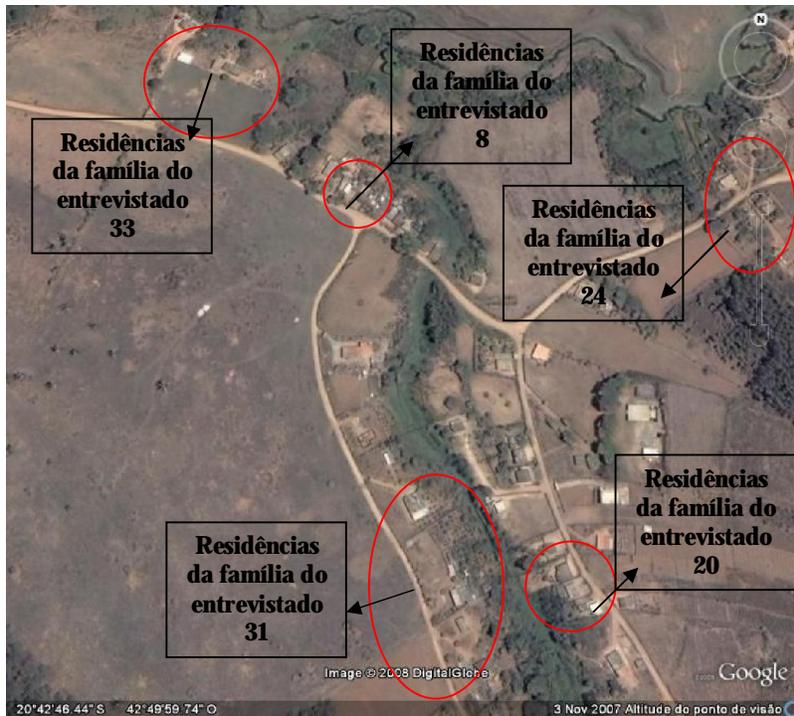


Figura 15: Imagem do Google Earth que demonstra a disposição das residências de uma mesma família nos lotes de terras no Buieie de baixo.

Aparentemente, no Buieie de baixo, não parece que as famílias se organizam num mesmo lote de terra, como acontece no Joãozinho, justamente por causa das cercas entre as casas, o que diferenciaria cada terreno. Mas quando se analisam as relações sociais entre os vizinhos, já se pode reconhecer e compreender quais as relações sociais estabelecidas, não somente de vizinhança, mas, sobretudo, de parentesco, sendo que as terras não são “divididinhas” para cada família, como parece; elas continuam sendo propriedade de toda a família e usadas de forma coletiva.

O fato de terem suas terras e estar próximos às famílias, fato recorrente nas duas partes do bairro, perante as dificuldades que enfrentam na luta pela sobrevivência, traz grande tranquilidade aos moradores, pois, como relataram, não precisam pagar aluguel e se sentem seguras no “*seu cantinho*” junto com a família e os amigos.

Os dados da pesquisa de campo revelaram também que 35 famílias, das 37 entrevistadas, são proprietárias das terras em que vivem: uma família mora em terras alugadas e apenas uma família também mora em terras emprestadas por um proprietário que também reside no bairro. Dentre os que são proprietários das terras, buscamos compreender os processos dessa aquisição. A maioria das famílias entrevistadas, ou seja, 33 famílias (90%) adquiriram suas terras por meio de heranças dos seus pais ou

avós; apenas 5,4% (2 famílias) adquiriram sua terra através da compra – grupo que esteve associado às pessoas que vieram “de fora” da comunidade<sup>4</sup>. Entre os “nascidos e criados no bairro”, ao longo dos anos, as terras têm sido repassadas de geração em geração, até chegarem às mãos dos atuais proprietários. Com relação a esse aspecto podemos dizer que há uma diferenciação entre as formas de conceber a terra entre os diferentes moradores do bairro (“nascidos e criados e os “de fora”). Para o primeiro grupo a terra corresponde a um patrimônio passado de geração em geração, enquanto no segundo grupo (os “de fora”) a terra é concebida como sendo uma propriedade privada.

Nas falas dos entrevistados fica explícita a relação entre casa própria e tranquilidade:

*E muito bom não ter ninguém para amolar a gente ter nosso cantinho.*  
(Entrevistado 2, 72 anos, nascida e criada no Buieié, 2006)

*A casa é própria, não pagar aluguel é muito bom! Traz tranquilidade.*  
(Entrevistado 13, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

*Vai que um dia a gente falta o filho da gente fica sem local pra morar, eu acho a casa o mais importante na vida né.* (Entrevistado 26, 47 anos, nascido e criado no Buieié, 2008).

*Ah é, aqui cada um tem seu pedacinho, ninguém te incomoda também, isso eu acho importante.* (Entrevistado 22, 20 anos, moradora a 1 ano no Buieié, 2008).

As condições geográficas do Buieié, sua topografia e relevo, estiveram também relacionados à forma como se estabeleceram, ao longo do tempo, as habitações e as relações sociais entre os seus moradores, retomando a discussão inicial sobre a influência das características físicas do terreno na forma de organização da população do bairro. No Joãozinho, por exemplo, parte do terreno do bairro é um planalto bem acidentado que impede a visão de conjunto. Por causa dessa conformação, cada morador não avista mais do que três casas vizinhas da porta de sua residência, devido ao espaçamento das construções. Essa característica também interferiu na dinâmica das relações, nas proximidades e distanciamentos estabelecidos entre os moradores da parte baixa com os da parte alta. Diante disso, muitos moradores do Joãozinho disseram não ir muito ao Buieié de baixo porque “*não têm condições de ficar subindo e descendo morro todos os dias*”, já que a maioria da população residente nessa parte do bairro são

---

<sup>4</sup> 4,6% dos entrevistados, que eram jovens, não sabiam informar como as terras onde moram foram adquiridas.

as pessoas mais idosas do Buieié, devido a esse fato não conversam muito com as pessoas que residem na parte mais rebaixada do bairro.



Figura 16 e 17: Características topográficas do Buieié.  
Autor: Lucas Magno, 2008.

Quanto ao acesso aos serviços básicos, as condições são precárias, pois não há no bairro acesso mínimo a essa infra-estrutura básica. Não há rede de esgoto, todos os dejetos vão diretamente para o córrego que passa pelo bairro. Não há também colheita de lixo, a maioria dos moradores utiliza-se da queima deste.

Nas casas dos moradores cerca de 70% possuem o serviço de água tratada pelo SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) como fonte de abastecimento, outros 10% dos moradores têm acesso a este serviço, mas mesmo assim ainda acham necessário ter em sua casa o poço artesiano. 8% possuem o serviço do SAAE, além de cisterna, e 12,5% somente utilizam a água de cisterna, pois acham melhor que a do SAAE.

Quanto ao destino do lixo, os moradores possuem um hábito típico da zona rural. Devido à ausência de coleta com o caminhão da prefeitura, eles queimam o lixo, perfazendo 90% os que adotam esta prática; somente duas famílias do bairro levam o lixo para a coleta na cidade, os quais disseram fazê-lo porque trabalham na cidade de Viçosa, preferindo, assim, levar quase que diariamente o lixo que produzem. Apenas uma família não declarou o destino do lixo da sua casa.

Um fato que chama atenção é a condição irregular dada ao destino do esgoto, cerca de 82% jogam o esgoto no rio que passa no bairro e 17 % depositam o esgoto em fossas próximas das casas. Um morador nos disse, no momento que indagávamos sobre o serviço de esgoto, que sabe que “*faz mal ao córrego sujar elê*” (Altair – Leo –, 44 anos, nascido e criado no Buieié). Mas disse também não saber outra forma de lidar com o esgoto. Juntamente com o esgoto doméstico, também observamos que é

despejado nesse mesmo córrego que corta a comunidade, levando consigo dejetos de algumas poucas pocilgas do bairro sem tratamento algum.

Todas as casas do bairro possuem luz elétrica, serviço prestado pela CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais) à população. Já com relação à iluminação pública, é simplesmente inexistente em todas as ruas, condição geradora de muitas reclamações dos moradores que relataram diversas vezes a dificuldade que se tem de andar na rua durante a noite, principalmente dos jovens que estudam no período noturno.

Durante as entrevistas houve grande número de reclamações por parte dos moradores em relação à ausência ou à qualidade desses serviços. Muitos reclamaram dos preços, dizendo pagar um preço muito alto, ultrapassando as suas condições de custear esses serviços. Além do mais, na época da implantação da rede de água e da energia elétrica foi combinado com os moradores que as pessoas iriam pagar um preço bem menor do que o que atualmente pagam.

Como nós já observamos, não há no bairro a presença de escolas, mas mesmo assim 14 famílias consideraram existir uma escola no Buieié. Isso se deve à proximidade da escola Tico-Tico, uma escola rural que se localiza no bairro vizinho à Violeira, onde muitas crianças do Buieié estudam. Esta escola oferece somente o ensino fundamental; quando os alunos terminam esse ciclo eles procuram uma escola na cidade de Viçosa para dar continuidade aos estudos. Segundo todos os entrevistados não há problemas para os jovens irem à escola, uma vez que existe ônibus diariamente que faz o transporte dos estudantes, a não ser quando chove, como já salientamos, levando a mudança de itinerário do ônibus. As mães, principalmente as que têm crianças pequenas, protestaram pela falta no bairro de escola e principalmente de creche, pois não tem onde e nem com quem deixar seus filhos para procurar um emprego ou trabalhar, ou seja, têm desejos de inserção na sociedade moderna.

No Buieié as condições de habitação observadas indicam que a grande maioria dos moradores entrevistados, 34 famílias, possui casa própria, casas que foram construídas por eles próprios, como já observamos, com a obtenção de suas casas tendo sido proporcionada pela ajuda de familiares, que além de doarem o local para a construção, não raro disponibilizam também materiais necessários à obra, porquanto também ofereçam mão-de-obra. Como vimos, essas práticas de mutirão eram muito mais frequentes no passado; atualmente, algumas famílias ainda mantêm essa prática,

porém a grande maioria nos disse ter que pagar por qualquer serviço prestado, indicando assim uma mudança social no bairro. Vejamos acerca disso a seguinte declaração:

*To tentando fazer voltar a solidariedade, o sistema de mutirão. Antes as casas aqui eram de barro, o pessoal começava de manhã construir as casas e de tarde já tava quase pronta, agora tem que pagar por qualquer coisa que pede os outros fazer. De graça só se o cê for parente. (Entrevistado 20, 38 anos, nascido e criado no Buieié, 2008)*

Ademais, muitos contaram com a ajuda da prefeitura, que fez a doação de telhas e tijolos e, em alguns casos, construíram o banheiro, doado à família, como já mencionado. Os que não possuem casa própria perfazem 7,5% das famílias entrevistadas, as quais moram em casas cedidas pelo proprietário do lote ou sob a forma de aluguel.

Apesar dessas constatações estruturais, e da falta de serviços na comunidade, procuramos aferir também quais eram os principais problemas identificados e enfrentados no cotidiano da população residente no Buieié, os quais são apresentados na tabela abaixo:

**Tabela 1. Problemas existentes e identificados no bairro pelos entrevistados.**

Problemas percebidos pelos moradores	%
Estrada ruim	45,9
Falta de iluminação pública	13,5
Horário de ônibus escasso	32,43
Falta de trabalho	24,32
Falta de creche	24,32
Falta de telefone	5,4
Falta de posto de saúde	13,5
Falta escola	10,8
Drogas	5,4
Brigas	13,5
Falta luz algumas vezes	5,4
Falta coleta de lixo	5,4

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Na percepção dos moradores os maiores problemas existentes atualmente no bairro são com relação à infra-estrutura, prestação de serviços e postos de trabalho.

Referentes à infra-estrutura, os problemas mais citados foram às más condições de conservação das estradas (45,9%); iluminação pública (13,5%); e telefone público (5,4%), com relação a esse aspecto podemos dizer que o telefone é pouco necessário devido a proximidade entre os moradores (às famílias), poderíamos aferir também que esse problema é pouco recorrente pois alguns dos moradores já possuem telefones celulares. Já com relação à prestação de serviços, foi citada a escassez de horários dos ônibus circular - o que muitas vezes se relaciona às chuvas que impedem que os ônibus cheguem ao Buieié; ausência de creches e escolas (34,32%) no bairro - para que as mães possam deixar os filhos e trabalhar; falta de coleta de lixo (5,4%); qualidade de serviços de energia elétrica (5,4%) – pois, segundo os moradores, ocorre no bairro quedas frequentes no fornecimento de energia elétrica; ausência de posto de saúde (13,5%); e poucos postos de trabalho para os moradores de lá, recorrente em 24,32% dos casos.

Alguns entrevistados relataram problemas com relação a drogas no Buieié (5,4%), e com relação a brigas frequentes (13,5%).

Dos entrevistados, 20% acham o bairro violento, com muitas brigas e discussões, principalmente no bar Zé de Nega, que fica no Buieié de baixo. Mas 80% não o consideram violento, muitos disseram que havia “*umas confusão*” de vez em quando no Buieié, mas que agora quase não tem mais. Segundo os moradores, muitas pessoas que chegam a criar alguma situação de conflito na comunidade são de fora, externas à comunidade. Outros nos disseram ainda que a imagem do Buieié como um lugar violento não existe de fato, o que seria mais propriamente algo imputado a ele por pessoas da cidade, ou mesmo de outros lugares que não conhecem realmente o Buieié, e as pessoas desta comunidade. A esse respeito algumas falas são ilustrativas:

*Não, o pessoal é gente boa, só tem confusão quando o pessoal de fora vem pra cá caçar encrenca.* (Entrevistado 13, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

*Briga é muito difícil, a turma aqui é unida.* (Entrevistado 11, 63 anos, nascida e criada, 2006).

*Tinha muita violência, a gente que dá no duro, falava que ia chama a polícia. Agora não, se fizer no meu território eu meto o pau.* (Entrevistado 2, 72 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

[...] *é uma diferença muito grande dos de fora, porque eles gostam de brigar, já os daqui não.* (Entrevistado 1, 64 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

[...] *ah, o povo de fora vê muito aqui com o olhar crítica, tipo assim, eles são vagabundos, não gostam de trabalhar, só brigam não participam de nada se faz alguma festa não chama ninguém, o povo de fora fica só entre a casa deles mesmo. Acho que estão aqui pela tranquilidade e ficam só no canto deles, o povo daqui não, todo mundo se conhece, acho que pelo fato de ser todos parentes aqui a gente se conhece bem de mais. Quem não é daqui não entende o povo daqui não.* (Entrevistado 35, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

*Pra mim é o lugar que eu moro e que eu to aqui pra mudar ele, mas não sozinho tem muita gente que pode, mas pra pessoas de fora é um lugar que não se deve ir porque tem muita briga, confusão, mas estas pessoas não sabem de nada, pois elas não moram aqui pra ver a realidade.*(Entrevistado 28, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

A positividade revelada pelos moradores do Buieié quando inquiridos sobre a percepção que têm do bairro coloca-se em certos momentos como uma idealização que pode estar relacionada a uma memória afetiva dos seus moradores. Nos moradores mais antigos verificamos que eles ansiavam por apresentar uma postura de causar a melhor impressão possível nos estranhos. Esse fato se evidencia justamente quando falavam da violência no bairro, ou seja, eram sempre “*os de fora*” os culpados, mais precisamente os do entorno do bairro e da própria cidade de Viçosa, que vão até lá, segundo eles “*para arrumar confusão*”, como apresentado nos dados. Eram esses outros que eram os causadores das brigas e do uso excessivo de álcool e de drogas no bairro. Nesse sentido havia sempre uma certa cautela nos moradores ao se referirem à violência no bairro. Alguns disseram que só havia “discussão boba e sem muita importância” e, mesmo assim, “só quando bebem”.

No entanto, em outros momentos, uma perspectiva mais contextualizada e atual do momento e da realidade em que vivem e a realidade do bairro fazem emergir na fala desses moradores a realidade de violência do bairro, os conflitos vividos com a vizinhança, etc. Nesse sentido, mencionavam, inclusive, o uso de drogas por parte dos jovens que, segundo eles, podia ser um dos motivos que vem gerando brigas entre vizinhos atualmente. Em nossas várias idas a campo era notável a presença nas famílias de pessoas embriagadas, causando situações de conflito e certo mal-estar, que, não raro, ultrapassam os limites domésticos. Ou seja, ficou evidente nas observações que em

vários momentos a “mistura” da vida pública e privada levou a que, muitas vezes, os problemas particulares de cada família extrapolassem os muros da casa, passando também a fazer parte da rua, da vida pública dessas pessoas, ou seja, muitas vezes o público e o privada se confundem na vida dessas pessoas (MATTA, 1985). Mas há que se ressaltar que essa avaliação é feita com relação à família nuclear e não no contexto da “família grande”.

Essa situação presente no Buieié pode estar ligada à falta de postos de trabalho no bairro, gerando, assim, uma “*reação em cadeia*”, ou seja, a ausência de atividade e ocupação para a população pode efetivamente estar contribuindo ao alcoolismo e ao uso de outras drogas, estando isso relacionado também à violência, principalmente doméstica, no Buieié.

Com relação à falta de trabalho, esse é um ponto que merece um maior cuidado nas análises sobre a reprodução social das famílias residente no Buieié.

No bairro não existe outra forma de trabalho a não ser o trabalho na terra. Essas, no entanto, são pequenas áreas, insuficientes para uma produção em maior escala. Os moradores também não contam com nenhum subsídio/incentivo que possam ampliar as oportunidades de inserção produtiva, que possa contribuir para dinamizar a economia local, de modo a garantir a utilização racional dos recursos naturais. Sobretudo as mulheres, por causa disso, procuram emprego nos quatro meses da safra de café – período em que se assalariam como diaristas por produtividade nos períodos de colheita. Essa é a única época em que encontram trabalho, e mesmo assim essa possibilidade, muitas vezes, é dificultada por não terem com quem deixar seus filhos, já que no bairro, como já foi dito, não existe creche.

Esse fato é indicativo de uma mudança social no bairro, a falta das necessidades básicas no próprio território faz os moradores recorrerem ao emprego assalariado, que por sua vez exige existência de instituições como as creches. Ou seja, esses dados indicam que a falta de acesso a determinados serviços está ocasionando um processo de desterritorialização no Buieié, fazendo com que muitos moradores do bairro busquem trabalho na cidade de Viçosa, e alguns entre eles, fixem residência na cidade para ter acesso aos serviços.

Em alguns casos, observou-se a constituição de redes de parentesco que se formam para garantir a sobrevivência do grupo e para que as pessoas possam trabalhar, evitando a desterritorialização. Nesses casos, muitas vezes, as sogras ajudam a cuidar dos netos ou outros parentes (casos mais raros) em casos de necessidade. Entre os

entrevistados, oito senhoras revelaram que, depois de haverem criado os filhos, ajudam, atualmente, a cuidar dos filhos de seus filhos ou, noutros casos, dos filhos de uma irmã ou de uma sobrinha. A força dos laços que unem também os homens ao grupo familiar é considerável. É possível ver irmãos ajudando nos consertos domésticos, na construção das casas, na roça do outro. Pudemos observar também que estes laços afetivos impedem muitas pessoas de saírem do bairro, pois encontram nestas relações formas de segurança e sobrevivência. Assim, retomamos a idéia de “família grande” como instituição social para manter a territorialidade do grupo.

No Buieíé existem, ainda, duas igrejas, uma católica e outra evangélica, e elas são consideradas como uma das principais formas de lazer entre a população, principalmente entre os mais idosos. A tabela abaixo demonstra a distribuição dos entrevistados no que se refere à questão religiosa:

**Tabela 2 : Religião**

Participa de alguma igreja	Porcentagem %	Igreja	Porcentagem %
Sim	86,48	Católica	75,67
Não	2,7	Evangélica	10,8
Não respondeu	10,8%		

Fonte: dados da pesquisa, 2008.

A maioria das famílias (32) relatou freqüentar algum culto religioso, sendo que a religião católica foi a que obteve maior representatividade, 75,67%, e a religião evangélica 10,8%. Somente 2,7% declararam não participar de nenhum culto religioso e, 10,8% não responderam a essa questão.

As manifestações religiosas dos moradores ficaram evidentes também no interior das casas. A maioria delas apresentava o seu interior decorado de quadros de santos, especialmente os quadros de Nossa Senhora do Rosário, São Sebastião e São Pedro, já que a religião católica está muito presente e ativa no bairro. Segundo os relatos há muitas novenas e rezas dedicadas a esses santos.



Figura 18. Interior da casa de João e Dedinha (Casal mais antigo do Buieie).  
Autor: Lucas Magno, 2007.

Outra constatação feita com relação à religiosidade do grupo foi com relação à prática da Congada. A festa do Congado foi muito citada, sobretudo pelos moradores mais antigos. Esta prática remete às raízes do povo negro e é descrita pelos moradores como uma homenagem a Nossa Senhora do Rosário, comemorada todo dia primeiro de outubro. Segundo os relatos feitos pelos moradores mais antigos, haveria nessas ocasiões de Congada, “*danças, música e muita alegria*”, dias em que “*todos se interagem e participam*” na cocção dos alimentos, que é feita para todos, ou seja, é uma cultura participativa e não consumista. Esses relatos, frequentemente, exacerbavam a participação, a valorização dessa tradição pelos moradores do bairro do Buieie, e a presença de sentimentos de grande religiosidade dos moradores:

*A festa é uma tradição que não vai acabar nunca;* (Entrevistado 3, 72 anos, nascido e criado no Buieie, 2006)

*Se eu tivesse mais saúde e disposição iria até nos ensaios*  
(Entrevistado 16, 86 anos, nascida e criada no Buieie, 2007)

*Graças a Nossa Senhora do Rosário.* (Entrevistado 4, 87 anos, nascida e criada no Buieie, 2006).

No entanto, apesar do destaque dado à participação dos moradores na festa do Congado no Buieie, ela não mais acontece neste lugar. De acordo com alguns moradores, a transferência da festa para outro bairro da cidade de Viçosa, São José do Triunfo, deu-se em razão da dificuldade de acesso ao Buieie e, principalmente, pela

conformação do terreno do bairro que, em algumas partes é bastante íngreme, o que dificultaria a evolução das danças. Apesar da localização em outro bairro, a festa conta ainda com grande número de participantes do Buieié. Vejamos, pois, algumas falas acerca disso.

*É em São José do Triunfo, vou todo ano, rasgo aquele morro a pé, num instante to lá. (Entrevistado 8, 31 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).*

*É em São José do Trinfo, aqui só quando a gente chama eles vem, faz tempo que não vem. É uma festa muito bonita, se pudesse iria até nos ensaios, não vai acabar nunca. (Entrevistado 3, 72 anos, nascido e criado no Buieié, 2006).*

*O congado é bonito do mesmo jeito, eu não perco um, só os meninos que não querem mais dançar, não gostam. (Entrevistado 2, 72 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).*

*O congado é no fundão. Vou todo ano até a pé é boa demais. É muito linda. (Entrevistado 11, 63 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).*

*O congado tem, mas não é aqui, a gente arruma uma van e um monte de gente vai lá pro Fundão. (Entrevistado 13, 21 anos, nascida e criada, 2006).*

Apesar da localização em outro bairro, a festa contaria com grande número de participantes do Buieié, como pode ser percebido na última fala apresentada. Por causa disso, resolvemos acompanhar uma dessas ocasiões, acerca da qual tomamos conhecimento por intermédio de alguns moradores durante nossas visitas a campo. Assim, às quatro horas do dia dezesseis de outubro de 2007 fomos ao bairro São José do Triunfo, local onde a festa aconteceu. O ritual começa às quatro da manhã e termina por volta das dez da noite. O cortejo percorre o bairro por várias vezes, com o grupo dos dançarinos sendo acompanhado pela população expectadora. Tal atividade exige bastante esforço físico, tanto dos dançarinos como da platéia que o acompanha. A observação do evento permitiu-nos identificar na fala dos antigos moradores um sentimento idílico em relação à tradição da Congada no bairro do Buieié. Nesse sentido, os dados nos indicam que há que se relativizar a dita “participação” dos moradores na festa. Constatamos que no grupo dos dançarinos apenas dois deles eram moradores (dos mais antigos) do Buieié, e nenhuma criança estava dançando (o que poderia, em

princípio, comprometer a manutenção da tradição<sup>5</sup>). Dentre os expectadores, reconhecemos alguns moradores antigos, jovens e crianças da comunidade.

Procuramos aprofundar as análises sobre como são construídas as manifestações culturais nesta comunidade, especificamente em relação à Congada, procurando entender, mais profundamente, de que forma os moradores ressignificam essa prática, como elas são repassadas e apreendidas para as várias gerações presentes na comunidade e, em que medida elas se estabelecem e prevalecem enquanto formas de resistência. O que observamos é que essa tradição é mais forte nos moradores mais antigos. Entre os mais jovens, apesar de gostarem de assistir o ritual, sua participação se dá apenas como expectadores, não revelando maiores interesses ou ações para mantê-la. Já os moradores mais antigos, esperam que os novatos adaptem suas crenças, e explicitam a vontade de repassar e fazer com que a tradição nunca deixe de existir.

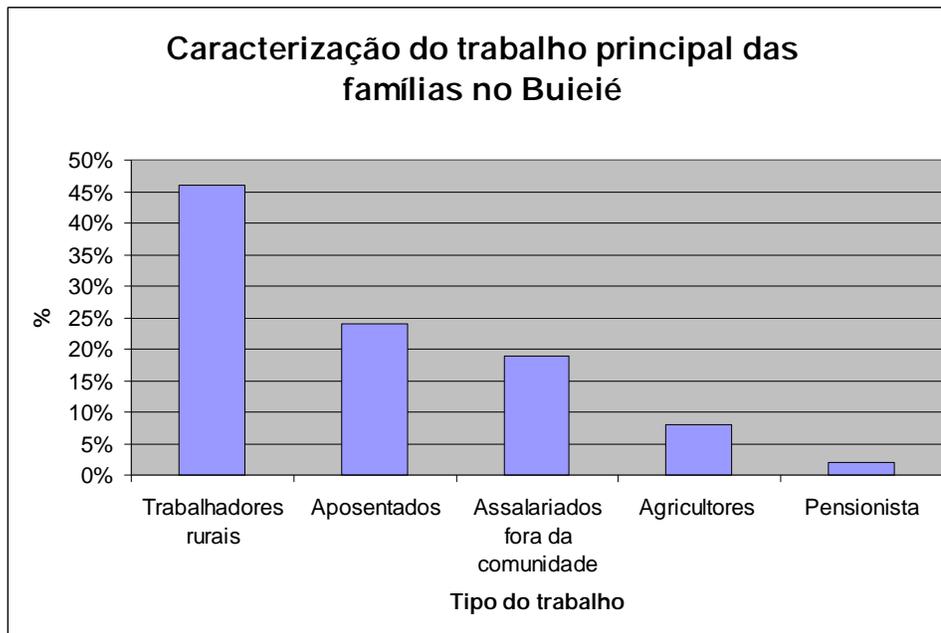
A reprodução social do grupo, por sua vez, dá-se a partir do desenvolvimento da agricultura de semi-subsistência e do assalariamento fora da comunidade, e ainda existem algumas famílias que dependem da aposentadoria dos idosos.

A produção agrícola não é suficiente para atender as necessidades básicas das famílias. Segue-se daí que elas participam do mercado como consumidores, mesmo que de forma precária. É no mercado que elas compram seus produtos alimentícios (quando não os plantam), de vestuários, de lazer (como, por exemplo, o baile, o forró, os shows, etc.). A insuficiência na produção agrícola também leva a que as famílias busquem o trabalho assalariado fora da comunidade. As descrições das ocupações dos membros das famílias entrevistadas seguem na tabela abaixo e são referências importantes das formas de reprodução social do grupo.

---

<sup>5</sup> Tal tendência não se verificou entre os moradores do bairro de São José do Triunfo. Entre eles é grande a participação das crianças no grupo. Com isso, a tradição é repassada para os mais jovens e a tradição é mantida. No caso dos moradores do Buieie se evidenciou uma descontinuidade da tradição, uma vez que as crianças não mais participam da festa do congado, a não ser como expectadores.

Gráfico 1. Reprodução social do grupo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

O trabalho das famílias do Buieié é bem diversificado, sendo que a maioria delas tem como atividade principal o trabalho agrícola: 46% têm sua maior renda derivada desse tipo de trabalho nas proximidades do Buieié; 24% vivem apenas da aposentadoria dos mais idosos (cujas ocupações ao longo da vida giraram, em quase 100% dos casos, em torno das atividades agrícolas<sup>6</sup>); 19% possui trabalho assalariado (cujas atividades se encontram, na sua maioria, na prestação de serviço) fora da comunidade, na cidade de Viçosa, ou em bairros próximos e até em outras cidades vizinhas; e um pequeno percentual de 8%, ou seja, somente três famílias, foram consideradas de agricultores familiares<sup>7</sup>. Um fato interessante é que entre essas últimas, uma delas é formada por pessoas de fora da comunidade. Constatamos que essa alocou-se para o bairro em busca de características rurais do local, ou seja, não possui o mesmo vínculo espacial e temporal que os outros moradores nascidos e criados no bairro. Já as outras duas famílias são mais antigas no bairro, as quais se aposentaram como agricultores e, ainda

<sup>6</sup> A exceção se deu em relação em apenas o caso de uma das famílias, que se trata de uma família em que a viúva sobrevive com a pensão do marido.

<sup>7</sup> No nosso estudo tomou-se o conceito de Agricultor Familiar nos termos de Sheneider (2002) que diz que esse conceito deve estar baseado na capacidade produtiva da família do campo, o trabalho e gestão do espaço devem ter um caráter familiar e a relação com a terra tem a ver com a própria reprodução social da família.

hoje, desenvolvem atividades agrícolas na propriedade, embora não comercializem mais os produtos de seu trabalho.

Tanto entre os homens quanto em relação às mulheres, mais da metade nos dois grupos trabalhava fora: 53,84% e 54,8%, respectivamente. Ainda no que tange à caracterização do trabalho familiar no Buieió, especificamente em relação ao grupo dos assalariados, a grande maioria estava no setor informal de forma quase absoluta. O trabalho formal apareceu somente no caso dos homens: 7,9% dos casos.

Tabela 3. Caracterização do trabalho assalariado fora da comunidade

Sexo	Trabalha fora	Categoria	%
Feminino	54,8%	Formal	0
		Informal	100
Masculino	53,84%	Formal	7,9
		Informal	92,3

Fonte: Dados da pesquisa.

Na análise das formas de reprodução das famílias, as condições de trabalho foram analisadas também na perspectiva de gênero, das ocupações (trabalho principal e trabalho secundário) e das aposentadorias presentes em cada família (dada pelo número de aposentados de homens e mulheres em cada unidade familiar). Entre as mulheres, 43,75% relataram que o principal trabalho exercido por elas era o trabalho doméstico na unidade familiar; 31,5% eram empregadas domésticas em outras residências fora do bairro; e 6,25% trabalhavam como babá, faxineira e cuidadora de idosos. Para fazer frente às necessidades do grupo, muitas tinham um trabalho secundário ou um ‘bico’, isso quando conseguiam. A “panha” do café nos meses de abril a junho, por exemplo, oferecia uma renda sazonal para muitas das famílias (18,75%), além do trabalho como domésticas, artesanato e faxina (12,5% dos casos). No grupo das mulheres, a metade já era aposentada, mas mesmo assim ainda desenvolvia atividades domésticas ou agrícolas com seus maridos.

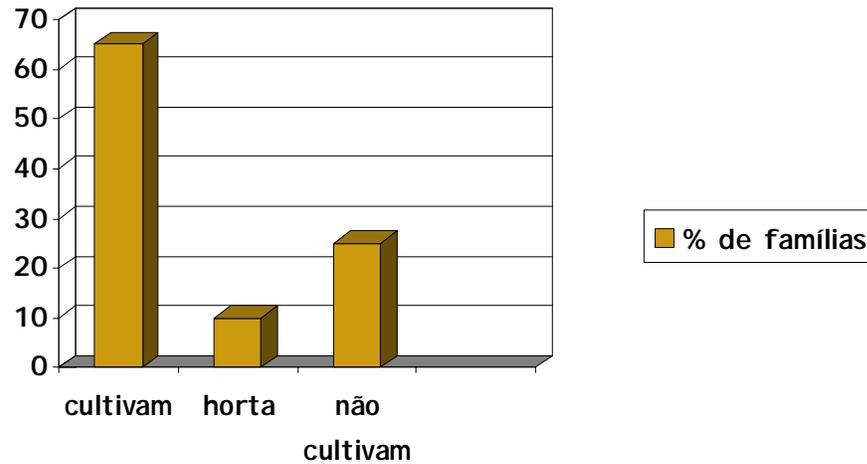
Entre os homens pudemos verificar que 50% são trabalhadores rurais, os outros 50% se dividem igualmente em atividades ligadas ao comércio, ao funcionalismo público, bem como trabalhos de pedreiro, jardineiro, açougueiro e caseiro, ou seja, cada atividade representa aproximadamente 8,33% das atividades principais dos entrevistados.

Quando perguntamos sobre as atividades secundárias exercidas pelos homens, percebemos que quase todos praticam a agricultura de subsistência e também os “bicos”, que são atividades complementares à renda principal da família.

O número de homens aposentados é menor que o de mulheres, representando eles 16,6%, enquanto entre elas 50% são aposentadas. Vale ressaltar que alguns homens entrevistados estão na idade de se aposentar; no entanto ainda não foram atrás da documentação necessária para “*encostar*”, porque eles acreditam estarem aptos a exercerem suas atividades cotidianas ligadas ao trabalho rural. Para as mulheres isso é “*teimosia*” dos homens que não agüentam ficar em casa cuidando das atividades domésticas.

Apesar de nem todos os entrevistados terem relatado o trabalho com a terra como uma das formas de atividade para sua reprodução social - principalmente as mulheres -, em nossas observações percebemos que a terra é um fator fundamental à sobrevivência e a vida das pessoas que moram no Buieieí. Embora essas falas não fiquem evidentes entre os entrevistados, evidenciou-se a participação das mulheres na agricultura doméstica. Elas trabalham junto com seus parceiros, ou mesmo sozinhas nas plantações de suas casas, nos quintais, no cultivo de hortas e plantas medicinais, ou mesmo nas propriedades vizinhas como assalariadas rurais. Mesmo que não sejam essas atividades consideradas pelas entrevistadas como formas de trabalho, acreditamos que elas sejam de fundamental importância para a reprodução das famílias do Buieieí, as quais denotam formas e estratégias de sobrevivência da população da comunidade. Além disso, pode-se perceber um conflito entre os critérios oficiais que consideram o trabalho baseado apenas na renda monetária, em detrimento das formas de trabalho não monetárias e que não têm reflexos nas estatísticas. Acerca disso, vejamos, pois, os dados do gráfico abaixo:

Gráfico 2. Caracterização do trabalho com a terra.



Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

A seguinte situação verificada no Buieié, e apresentada no gráfico, nos dá uma boa noção de como se realiza o trabalho com a terra entre os seus moradores. De 24 famílias observadas, pudemos, pois, constatar que todas cultivam algum produto para subsistência, por exemplo milho, feijão e arroz, e têm também criações de animais e hortas nos seus quintais; 4 famílias têm apenas uma horta no quintal, não plantam outros gêneros alimentícios como as famílias descritas anteriormente; e 9 famílias não cultivam nada, nem possuem criações, compram todos os produtos que necessitam na cidade de Viçosa. O cultivo para a subsistência, a horta, o quintal, são todas formas e estratégias para o complemento da renda e para sua própria sobrevivência. Isso fica evidente nas falas apresentadas a seguir.

*[...] às vezes a gente planta pra ter mais comida mesmo, ou eu vou atrás de uns trabalhos aí pra ganhar um pouco mais. Sempre não, as vezes planto milho, feijão, mas só pra casa mesmo.* (Entrevistado 30, 53 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

*Planto laranja, umas verduras. Feijão não, porque tem galinha e elas papa tudo. Só pra despesa mesmo, essas coisas eu não vendo não, só as do bar mesmo.* (Entrevistado 33, 44 anos, nascido e criado no Buieié, 2008).

*Eu planto milho feijão, mandioca e tem umas outras coisas lá, mas não é muita coisa não, é só pra casa mesmô.* (Entrevistado 29, 45 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

*Planto milho, feijão, essas coisas assim. Vender não, é só pra gente mesmo, só a galinha que quando tem muito ovo a gente vende, o*

*resto fica aqui em casa mesmo.* (Entrevistado 26, 47 anos, tem 30 anos que está no Buieié, 2008).

Outra característica interessante é com relação à venda dos produtos. Apesar da grande maioria das famílias cultivarem para subsistência alguns gêneros alimentícios e alguns animais, em 33 das famílias entrevistadas não há comercialização de nenhum produto, ou seja, produzem em quantidades suficientes apenas para a manutenção de suas famílias. Somente 4 das famílias entrevistadas nos disseram vender ou já terem vendido produtos agrícolas, mesmo assim isso acontece somente quando há excedentes na produção, como pode ser observado na última fala apresentada acima. Esse fato reforça a ideia de Oliveira (1999), de um modo de produção agrícola não-capitalista, destinado somente para o abastecimento da família, dado que a produção agrícola entra no consumo imediato da família. Segundo Oliveira (1999), quando isso ocorre não há excedentes e nem acumulação de produção para a comercialização.

O trabalho na terra entre os mais antigos é visto como um valor social. Em depoimento, a senhora mais antiga do bairro disse-nos que o trabalho rural para eles não é considerado penoso e degradante, como o consideram-no pessoas da cidade, uma vez que ele é feito com “*carinho e garra*”, tendo apenas como ideal o acesso a terra e à água – em quantidades suficientes para alimentar sua família. Nessa fala, percebe-se uma lógica de reprodução diferenciada do urbano. Pois ela não se identifica com o morador da cidade que sonha em ficar rico com o solo. Essa moradora do Buieié sonha com a plantação, dizendo não se importar com objetos, como a televisão, por exemplo, pois prefere fazer remendo em roupas, plantar suas ervas medicinais e cuidar de sua horta. Atualmente não ajuda mais o marido na roça, como fez a vida inteira, porque não tem mais saúde para isso. Quanto à geladeira, ela diz ter ganhado de parentes há aproximadamente quatro anos, os quais moram em São Paulo, tendo se adaptado a ela, pois até então sempre viveu sem, ou seja, “não dá tanta importância” ao objeto.

Malgrado esse fato seja interessante, ele não é muito recorrente, pois a grande maioria das pessoas deseja objetos modernos, como esse. Mas este aspecto não interfere na identidade diferenciada desse grupo, pois apesar da presença destes elementos da modernidade no cotidiano do Buieié, ela não descaracteriza certas especificidades enredadas nessa comunidade, conquanto acreditemos que todas as sociedades sejam dotadas de alguma forma de dinamismo.

Em se tratando de elementos da modernidade 43,24% dos entrevistados relataram que gostariam de ter acesso a coisas modernas. Destes, 8,1% gostariam de ter acesso a eletrodomésticos, 16,2% acesso a televisão, 13,5% a geladeira, 10,8% computador, 5,4% internet, 2,4% telefone, 2,4% vídeo game, 5,4% casa e, 10,4%, sentem falta de asfalto nas ruas.

Entre os jovens, houve uma valorização da posse de coisas modernas, entre alguns dos objetos que eles desejam estão o celular, o computador, internet e o vídeo game. Os próprios pais percebem esse desejo dos jovens. O fato de não possuir “*coisas modernas*”, pode significar para alguns a exclusão, o retrocesso, subdesenvolvimento, o que não é almejado por eles. Os jovens querem ter acesso à esses objetos modernos que, de modo geral, outros jovens da cidade possuem, como fica evidenciado nas falas reproduzidas abaixo:

*Sinto falta (de coisas modernas), se você não tem isso, você vai ficando só pra trás, não ter acesso a isso é andar para trás.* (Entrevistado 37, 18 anos, nascido e criado no Buieié, 2008).

*Gostaria, mais pro meu filho quando ele crescer.* (Entrevistado 22, 20 anos, um ano de residência no Buieié, 2008) .

*Assim, achar importante eu acho né, mas não tenho é dinheiro né menina, sem dinheiro nada feito né.* (Entrevistado 24, 55 anos, está há mais de 10 anos no Buieié, 2008).

*Bem, computador o menino comprou o ano passado né, ele pegou um dinheirinho emprestado onde ele trabalha e está pagando aos pouco né, aí ele tá pagando até hoje. Agora a gente não adianta não, não tive estudo eu não sei mexer em nada mesmo, acho que ficaria de enfeite. Antigamente não precisava disso não né, era só assinar o nome da gente e não precisava de mais nada não, eu fui pra roça eu tinha 12 anos. O que eu mais gostaria é de um dia eu ter o meu canto, só meu, não gosto de morar no que é de outros não. Vai que um dia a gente falta o filho da gente fica sem local pra morar; eu acho a casa o mais importante na vida né.* (Entrevistado 26, 30 anos de residência no Buieié, 2008)

*[...] seria importante ter isso aqui, não só eu mas tem muitos jovens aí que quer ter isso sim.* (Entrevistado 35, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

A porcentagem que não gostaria de ter acesso a coisas modernas também foi significativa, representando 43,24%. Nota-se nas justificativas certo distanciamento do moderno causado por não se saber “*mexer*” ou “*lida*” com esses objetos. Sendo assim, pode ser evidenciado nas falas o fato de que houve certa valorização da vida simples,

em detrimento a vida com mais tecnologias. É importante ressaltar que essa valorização foi feita na maioria dos casos pelos adultos com mais de 25 anos, e somente uma jovem declarou não querer ter acesso a coisas modernas, porquanto sua justificativa também tenha sido o fato de não saber “*mexer*” com as tecnologias.

*Não, não tenho vontade nenhuma de ter essas coisas ,primeiro por que eu não sei mexer em nada disso moderno de hoje em dia, segundo por que eu não sinto falta não.* (Entrevistado 28, 17 anos, nascida e criada no Buieieí, 2008).

*Não, eu vivo bem aqui, gosto da vida simples, não me dou bem com coisas moderna. Agente que veio da roça não gosta dessas coisas assim não, agora meus filhos gostam de mais.* (Entrevistado 29, 45 anos, nascida e criada no Buieieí, 2008).

*Ah bobo, uma vida simples é melhor mesmo.* (Entrevistado 30, 53 anos, nascida e criada no Buieieí, 2008).

*Eu não, talvez meus filhos sentem falta, mas do jeito que está pra mim está bom.* (Entrevistado 31, 60 anos, nascido e criado no Buieieí, 2008).

Acrescente-se que a porcentagem dos entrevistados que não responderam a essa pergunta foi de 13,52%.

Considerando-se alguns indicadores, tais como renda, educação e lazer, percebeu-se pouca hierarquia de *status* no âmbito do grupo. Ou seja, a comunidade se apresenta, a partir desses indicadores, de forma praticamente homogênea.

A grande maioria das famílias entrevistadas recebe em média um salário mínimo mensal. Há famílias, no entanto, em que a renda provém tão somente de programas sociais. Mas, de modo geral, as famílias julgavam que a renda não era suficiente e, por conseguinte, compunham várias estratégias de sobrevivência, que iam desde a inadimplência, deixando de pagar uma conta e recorrendo a uma cesta básica, até ações mais efetivas, como plantar uma horta no fundo do quintal, como já mencionado. As famílias melhor remuneradas eram as que contavam com a aposentadoria dos mais idosos. A grande maioria das famílias tinha um mesmo padrão em relação ao consumo, à estrutura física das casas, ao cotidiano, ao trabalho e ao lazer. Outro padrão observado entre as famílias concerne à condição daquelas que detinham um nível maior de renda, residentes há mais tempo no Buieieí, sendo também as mais tradicionais da comunidade, com exceção de uma família. Nesse sentido, eram as que tinham um acesso menor a

certos objetos representativos da modernidade, parecendo não se importar muito com eles, tais como televisão, aparelhos domésticos, fogão a gás, etc. Nesse grupo havia uma maior valorização de elementos simbólicos, como crenças religiosas, relação com a terra e artesanato. É provável que a casa mais precária de toda a comunidade, destituída de piso e separação entre os cômodos, com um ou outro aparelho doméstico, foi a dos moradores que possuíam uma maior renda.

A esse respeito, observemos a tabela abaixo, com dados relativos à renda familiar dos entrevistados.

Tabela 4: Renda familiar dos entrevistados

<b>Renda da família</b>	<b>n° de famílias</b>
Menos de 1 salário	9
1 salário	13
1 salário e meio	3
2 salário	8
mais de 2 salários	3
Não declarou	1
Recebem ajuda do governo ou igreja	48 % das famílias <sup>8</sup>

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

De acordo com a tabela, nove das famílias entrevistadas têm uma renda inferior a um salário mínimo, sendo que, em alguns casos, essa renda é proveniente de programas do governo federal, como o Bolsa Família, ou mesmo de ajuda de outras instituições, como, por exemplo, da Igreja. Já as famílias que possuem o rendimento de um salário correspondem a 29,72% das famílias entrevistadas, ou seja, 13 famílias, e essas são as unidades domésticas que têm pelo menos um de seus membros com trabalho fixo.

Três das famílias entrevistadas obtêm um ganho em torno de um salário e meio. Nesses casos, observou-se ainda que muitas mulheres trabalham em regime de meio período como domésticas, em casas nos bairros rurais próximos ao Buieié, como, por

<sup>8</sup> Porcentagem referente ao número total de entrevistados, das 37 famílias entrevistadas 48% delas recebe ajuda do governo ou da igreja para complementar a renda.

exemplo, a Violeira e o Zig-Zag. Já os homens e, em alguns casos, mulheres também, fazem os chamados “*bicos*”.

Um exemplo que merece ser realçado dentre essas formas complementares de renda é a “*panha do café*”, que acontece entre os meses de abril e junho, meses em que muitos labutam nas fazendas vizinhas como empregados temporários pagos por dia, ou ainda pela quantidade de café colhida por dia. É importante destacar que essas modalidades de renda complementar não são fixas. Os ganhos acontecem somente em determinadas épocas do ano; nos outros meses as famílias têm somente as rendas mensais de seus trabalhos assalariados fixos ou mesmo de programas governamentais.

Dentre as famílias que possuem uma renda de até dois salários, em torno de oito, são geralmente compostas por membros que já estão aposentados, mas que mesmo assim ainda possuem atividades para o sustento da casa. Ou seja, mesmo sendo famílias que vivem da aposentadoria dos mais velhos, as famílias têm outras formas de reprodução social, principalmente com relação à agricultura, quer plantando para a subsistência familiar, quer trabalhando na “*panha de café*”. Estas são consideradas famílias que possuem uma condição de vida até relativamente elevada, se comparada a outras famílias da comunidade, isso se tomando como parâmetro apenas as rendas mensais. Malgrado essas famílias tenham as melhores rendas do Buieieí, elas não apresentam diferenças significativas no modo de vida quanto, por exemplo, à moradia, relações sociais, entre outros aspectos relativos à reprodução social. Em outros casos pode-se constatar ainda a participação de todos os membros da família nas atividades devotadas ao seu sustento.

Dentre as famílias do bairro, apenas três delas têm uma renda acima de dois salários, sendo duas de fora do Buieieí<sup>9</sup>: numa, seus membros são trabalhadores assalariados na cidade de Viçosa, noutra são produtores de café, que geralmente empregam mão-de-obra do bairro, detendo, assim, as maiores porções de terra do Buieieí.

Apenas uma das famílias não quis declarar a renda, talvez até não sabendo informar melhor sobre esta condição, haja vista a pergunta ter sido feita à “mulher” da casa, que alegou que quem sabe e “*mexe*” com o dinheiro é o marido, que não se encontrava naquele momento.

---

<sup>9</sup> Essa é uma situação atípica no Buieieí, pois são famílias que foram para o bairro em busca de características do rural, ou seja, tranquilidade, privacidade, contato com a natureza, fuga dos centros urbanos, etc. São as únicas famílias, dentre as entrevistadas, que não tem vínculos social, histórico e territorial com o bairro como os moradores nascidos e criados no Buieieí.

Outro fato digno de nota é que 48,64% das famílias entrevistadas da comunidade recebem ajuda do governo federal ou da Igreja, além de auferirem alguma outra forma de renda. No entanto, das famílias que possuem renda inferior a um salário, boa parte delas sobrevive apenas essas ajudas, com doações de cestas básicas pela Igreja (católica e evangélica) aos moradores, ou mesmo com algum suporte de outras pessoas externas à comunidade, que fazem trabalhos sociais no Buieié.

Quanto à escolaridade da comunidade, constatou-se que os moradores entrevistados mais antigos são analfabetos. Os adultos entre 30 a 40 anos estudaram, em média, até a quarta série primária, e os moradores mais jovens declararam estar estudando. A tabela 6 expõe os dados relativos ao nível de escolaridade levantados junto aos entrevistados.

Tabela 5: Nível de escolaridade dos entrevistados

<b>Escolaridade</b>	<b>Nº de entrevistados</b>	<b>%</b>
Sem instrução formal	20	<b>50%</b>
Ens. Fund. Inc.	16	<b>40%</b>
Ens.Médio	3	<b>8%</b>
Superior Inc.	1	<b>2%</b>

Fonte: dados da pesquisa, 2008.

Dos entrevistados, 50% não têm nenhuma instrução formal. Em muitas de suas falas, principalmente dos mais idosos, ficou evidenciado o quanto era difícil para eles estudar naqueles tempos. Se não vejamos.

*Na minha época não tinha esse negócio de estudar não, tinha mesmo era que trabalhar. [...] menino tem mesmo é que estudar agora, eu não tive isso não, tinha era que trabalhar muito desde pequeno* (Entrevistado 2, 72 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

*Antigamente não tinha aula pra gente não, era só trabalho* (Entrevistado 26, 47 anos, 30 anos que mora no Buieié, 2008).

*Na nossa época era difícil, só pegávamos na enxada mesmo, comecei a trabalhar muito cedo* (Entrevistado 3, 72 anos, nascido e criado no Buieié, 2006).

*Meu estudo foi na roça capinando a ajudando no trabalho, antigamente não tinha facilidade de hoje.* (Entrevistado 16, 86 anos, nascida e criada no Buieié, 2007).

Mas, ao mesmo tempo em que se observa que essas pessoas não tiveram oportunidade de estudar, elas, no entanto, sabem reconhecer a importância dos estudos. O estudo tem, para essa geração de pais, grande importância. Eles falam com grande orgulho dos filhos e das oportunidades de estudo que lhes são oferecidas. Evidencia-se o empenho que alguns deles fazem para incentivar seus filhos a estudarem, aproveitando ao máximo as oportunidades neste sentido. No contexto atual, o trabalho na terra não representa para muitos da comunidade a possibilidade de ascensão social, tal como o estudo representa.

*Não saber ler nem escrever e muito ruim, por isso que fiz meus filhos apreenderem.* (Entrevistado 11, 63 anos, nascida e criada no Buieié, 2006)

*Não tivemos jeito de estudar não, ele (o filho) eu quero é mais que ele estude muito mesmo.* (Entrevistado 26, 47 anos, 30 anos que mora no Buieié, 2008).

*Tem que estudar mesmo, se não, não consegue um bom emprego depois.* (Entrevistado 2, 72 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

*Deus ajude ele (o filho) a estudar, eu falo pra ele que sem estudo não adiante que não vai conseguir um trabalho bom não.* (Entrevistado 31, 60 anos, nascido e criado no Buieié, 2008);

*Você vê eu aqui, não estudei e to aqui sofrendo, eu quero que meus filhos não passem pelo que eu passei não, quero que eles estudem muito e consigam um bom trabalho.*(Entrevistado 29, 45 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

Outros 40% possuem o ensino fundamental incompleto, entre esses muitos nos disseram parecer que nem estudaram já que só sabem assinar o nome:

*Eu tive aula, mas não aprendi, cabeça dura, a professora batia com a vara no quadro, mas não adiantava não, as letras embaralha minhas vistas, hoje só sei mesmo assinar meu nome.* (Entrevistado 1, 64 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

*Estudei pouco, agora só sei fazer meu nome mesmo.* (Entrevistado 24, 55 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

Temos ainda que 8% dos entrevistados possuem o ensino médio incompleto, entre esses estão principalmente os mais jovens que ainda estão estudando. Eles estudam em colégios na cidade de Viçosa, a maioria no bairro Silvestre e no centro da cidade de Viçosa, e vão para as aulas de ônibus escolar, disponibilizado pela prefeitura municipal, o qual passa no bairro, a não ser, mais uma vez, quando chove, não havendo condução

para levá-los à escola. Apenas uma entrevistada possuía ensino superior incompleto, cursando Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ela mora no alojamento da universidade e vai todo final de semana para a casa dos pais no Buieié. Ela nos disse gostar do lugar “*de mais da contã*”.

Com relação ao lazer, identificam-se no Buieié quatro opções como as de maior destaque: o projeto social “Tambores do Buieié”; um projeto social desenvolvido pela organização não governamental Núcleo de Arte e Cultura da Violeira (NAVI), que aparece mais recorrente entre os mais jovens da comunidade; o campinho de futebol, onde os moradores vão tanto jogar bola como assistir aos jogos; a ida a igreja católica ou à igreja evangélica; e o bar do Zé de Nega, onde acontecem os forrós.



Figura 19. Apresentação dos jovens do projeto “Tambores do Buieié” na cidade de Viçosa.  
Autor: Lucas Magno, 2008.

As entrevistas evidenciaram que para 72% dos jovens entrevistados, a forma de lazer mais comum entre eles é a participação no projeto “Tambores do Buieié”. A ida ao bar do Zé de nega, o campo de futebol e as igrejas apareceram representados, cada um, com 55% das entrevistas. Os jovens ainda relataram em 36 % dos casos a visita a amigos e parentes, 18% festas na cidade de Viçosa e outros 18% vêem os banhos e brincadeiras no rio como uma das principais formas de lazer, indicando assim certa identificação com o território.

*Mais é lá em baixo mesmo, o campo de futebol, o bar do Zé de nega e a casa de alguns amigos e parentes. Dia de sábado e domingo fico com as meninas mesmo por aqui mesmo. A igreja*

*eu participo aqui mesmo, uma vez ou outra que vou pra Viçosa.*  
(Entrevistado 25, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

*O campo e aqui na rua de casa onde fica o bar do Zé de Nega mesmo, é onde tem o movimento todo aqui do bairro. Gosto de mais de ficar com meus amigos aqui, é que aqui todo mundo é meio parente né, então a gente fica na casa de um de outro.*  
(Entrevistado 27, 16 anos, nascido e criado no Buieié, 2008).

*Muitos vão para a rua lá no Celeiro do Forró, outros para o recanto das aldeias. As vezes tem alguma coisa de melhor no bar do Zé de Nega, aí as pessoas vão lá em baixo.* (entrevistado 40, 24 anos, mora há 1 ano no Bairro, 2008).

Uma jovem relatou que quando não tem jogo de futebol, eles vão de caminhão para outros bairros ver jogo do time do Buieié.

*Aqui é uma piada ta, quando não tem nada nos tambores, lá na sede, tem o jogo no campo ali. Mas quando não tem nada aqui o povo sai andando ou junta tudo num caminhão e vamos ver jogo numa roça que tiver aí, se não vão tudo pro bar do Zé de Nega mesmo, ou então vai todo mundo nadar em época de calor, no frio não dá não. Eu quando eu não faço nada disso tô costurando, bordando, eu faço umas bolsas aqui.* (Entrevistado 28, 17 anos nascida e criada no Buieié, 2008).

Com relação aos adultos, 60% deles citaram o Bar do Zé de Nega como forma de lazer, 40 % citaram o campinho, 30 % a igreja, 10 % forró na cidade e 10% assistir televisão. Já entre os idosos, 83 % citaram a igreja como a principal forma de lazer no bairro, 66% forró no Zé de Nega e 33% as “peladas” no campinho.

*Aqui no Zé de Nega é todo sábado eu tô dançando. Nós gosta de ir no forrozão que tem lá.* (Entrevistado 24, 55 anos, nascida e criada no Bairro, 2008).

Quando analisamos a frequência com que apareceram algumas formas de lazer, podemos verificar que para cada grupo um lazer se expressou de forma mais significativa, evidenciando sua importância para esse segmento. Para os jovens, os Tambores do Buieié teve maior representatividade, que disseram que esse projeto social é uma forma das pessoas externas à comunidade conhecer o lugar, pois o grupo se apresenta em diversos eventos na cidade de Viçosa, nos municípios da região da Zona da Mata Mineira e até em outros estados.

Para os adultos, o forró no Bar do Zé de Nega e o campo de futebol são os principais atrativos. E para os idosos a igreja. Fica evidente que para os três segmentos o campinho, o bar do Zé de Nega e a igreja são locais representativos, pois neles se desenvolvem cotidianamente parte substancial das relações sociais da comunidade, constituindo-se, assim, não apenas como lugares de lazer como também de encontro e sociabilidade.



Figura 20: Rua em frente ao Bar de Zé de Nega, um dos principais pontos de encontro dos moradores do Buieié.

Os espaços de lazer identificados pela população do bairro são importantes na medida em que indicam o que Raffestin (1993) chama de *noôs*, pontos de trocas e de estabelecimento de redes de sociabilidades entre as pessoas de um mesmo território. Além de ser o lugar de encontro dos próprios moradores, esses espaços são também os locais de referência de algumas pessoas de fora da comunidade. Ou seja, são espaços onde se dão formas de relacionamento entre os nascidos e criados no Buieié e os “de fora” do bairro, espaços onde acontecem as diferenciações e as afirmações de identidades que Raffestin chama a atenção.

#### **4. A construção das identidades e do território no Buieí: entre as proximidades e os estranhamentos**

Segundo Schneider (2002), a delimitação de um espaço pelos seus moradores não é somente um dado físico é, sobretudo, social. Percebemos que o Buieí é um espaço onde acontecem as relações sociais de solidariedade dos seus moradores, dado que as famílias se interconectam através das relações de parentescos e vizinhança que permitem a formação de relações de caráter topofílico, porquanto também o sejam de pertencimento. Estando estes aspectos sensivelmente entabulados no lugar, eles matizam, assim, sua conformação sócio-espacial. Acreditamos que o território do Buieí é local onde os modos de vida dos moradores têm legitimidade, no qual as relações sociais e a organização espacial estão ancoradas na história do território e no modo de vida tradicional da comunidade, mesmo que em alguns aspectos se apresentem como híbridos. Ainda segundo Schneider (2002), a homogeneidade do espaço constrói relações sociais específicas, gerando confiança e solidariedade entre os membros do grupo social que o utilizam cotidianamente. E são justamente as relações de sociabilidade que dão sentido às práticas sócio-culturais.

Essas relações sociais constituem, entre as famílias e o povoado em geral, uma estrutura material e simbólica que define os modos territoriais de vivência do bairro. Todas essas relações sociais não acontecem fora de um espaço, elas têm um limite espacial, ou seja, elas se territorializam.

Os indicadores sócio-econômicos (renda, escolaridade, redes de sociabilidades, formas de lazer, etc.) que se apresentam de maneira geral homogêneos, as relações de sociabilidade e uma história comum à população do Buieí dão sentido à construção de uma identidade territorial, sendo reconhecida, portanto, uma unidade territorial de certa maneira tradicional em meio à sociedade moderna, muito embora não se apresentem enquanto formas de resistências à modernidade, tendo, portanto, esse território um caráter híbrido na sua formação.

Muitos trabalhos sobre populações rurais no Brasil vêm demonstrando o quão é importante compreender a relação entre território e parentesco. Assim, parentesco e território são constituintes das identidades, na medida em que os indivíduos de uma comunidade estão estruturados a partir da pertença a grupos familiares que, por sua vez,

estão também relacionados ao espaço geográfico em que se localizam. (BOMBARDI, 2004).

Dentro dessa perspectiva, o acesso a terra no Buieié é uma importante referência para falarmos em identidade, já que a posse da terra no bairro é garantida (90% dos casos) pela via hereditária. Isso quer dizer que alguém da família, ou mesmo a família como um todo - dado que ainda existem no bairro terras coletivas das famílias - tem o direito de ser “dono” da terra, não porque simplesmente é um indivíduo que a adquiriu pela compra, mas, sobretudo, pelo fato de ser o filho e o herdeiro da terra, ou seja, a terra é compreendida como sendo um patrimônio e não somente enquanto propriedade privada. Levando-se em conta a concepção de F.Barth (1969) de grupos étnicos e, sobretudo, a idéia de que um grupo, confrontado por uma situação histórica peculiar, faz realçar determinados traços culturais no contexto atual. Esse não seria o caso específico do grupo estudado, dado que não existem práticas que afirmam a *identidade negra* no Buieié, os dados empíricos indicam que a identidade no bairro é construída a partir da permanência no território ao longo das últimas décadas, construídas com base na história e nas redes familiares, mas não na história da negritude daqueles pessoas.

As terras do bairro não são quaisquer terras, mas sim o espaço no qual mantiveram alguma autonomia cultural, social e histórica. A identidade de grupos rurais se constrói sempre numa correlação profunda com o seu território, e é precisamente esta relação que cria e informa o seu direito à terra (BOMBARDI, 2004). No Buieié a identidade passa pelo território, mas ela é construída principalmente com relação ao rural, nas idéias de tranquilidade, de “vida na roça”, de ancestralidade e da histórica de formação do território presentes nos depoimentos dos entrevistados.

As noções de rural, segundo Carneiro (1998), não podem mais ser entendidas somente pela compreensão da agricultura. Atualmente novos valores sustentam e dão legitimidade às novas configurações espaciais no campo. Experiências recentes no Brasil transformam o campo em “*lugar de vida*”, ou seja, ele não se restringe somente ao espaço da produção agrícola, entender o rural apenas como espaço de produção estaríamos fazendo uma leitura desenvolvimentista desse espaço. As abordagens do rural que não se reduzem à produção agrícola são embasadas no reconhecimento e em análises das relações sociais específicas entre a população rural em um processo de integração com o urbano. São justamente essas novas interpretações do espaço rural que podem favorecer a construção das identidades em comunidades rurais, e não diluir as diferenças entre esses espaços como há muito se pensava. A população rural está

ancorada em uma base territorial em constantes relações com o urbano e, mesmo assim, mantendo uma lógica alternativa a esse espaço, e é o que lhes garantiria a manutenção das identidades.

*[...] as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social.* (CARNEIRO, 1998:57)

Pode-se postular, portanto, que o que marca a constituição identitária no bairro do Buieié é o estabelecimento das relações sociais entre as famílias, e não a forma de produção agrícola da população, já que, como pudemos perceber nos dados referentes ao trabalho das famílias, não há uma produção agrícola suficiente que caracterizaria as famílias do Buieié como agricultores familiares, mas sim dando margem para a interpretação do território enquanto um *bairro rural*. De acordo com Bombardi (2004), essa é a estrutura fundamental na sociabilidade nos bairros rurais: a população se aglutina entorno de algumas poucas famílias, com certo sentimento de pertencimento ao local, que convivem e constroem relações de confiança, lúdicas e religiosas ao longo do tempo, mas não necessariamente devem ter uma relação de produção agrícola com o espaço.

Para identificar o apego dos moradores ao território utilizamos como elemento investigativo o tempo de moradia dos entrevistados no bairro. Dessa forma, procuramos compreender quais os motivos que levaram as pessoas a saírem, ficarem, ou ainda a sair e depois retornar ao Buieié. A esse respeito temos que de 25 entrevistados que nasceram no bairro, dois deles nasceram, saíram e retornaram. Os demais (23) nunca moraram em outro lugar a não ser o Buieié<sup>10</sup>.

Com relação a esses aspectos, questionamos aos entrevistados quais os motivos que os levaram a sair ou a ficar no bairro. Assim, para tentar aferir qualitativamente o sentimento de pertencimento dos moradores do Buieié, identificamos o ingrediente do apego dos moradores ao território. Para alcançar esse objetivo indagamos se os

---

<sup>10</sup> Os outros 12 entrevistados eram pessoas vindas de fora da comunidade, mas não totalmente estranhas, já que foram para o Buieié por intermédio de seus maridos ou esposas, moradores nascidos e criados no bairro, como será descrito abaixo nos apontamentos sobre a diferenciação dos “nascidos e criados” com os “de fora” do Buieié. Apenas 2 famílias entrevistadas foram para o bairro sem intermédio de ninguém.

entrevistados gostam de morar no bairro, quais são os motivos que fazem com que eles permaneçam, e o que mais gostam no Buieieí. Assim, temos que 29 entrevistados gostam de morar no Buieieí e não querem sair de lá “*de jeito nenhum*”, apenas 3 entrevistados não gostam e disseram que se mudariam de lá se tivesse oportunidade, e os outros 5 entrevistados não sabiam responder a essa questão. Os depoimentos dos entrevistados são elucidativos a esse respeito.

*Gosto muito, fui criado aqui, já morei fora, mas meu coração é daqui. Gostaria de ter uma casinha na cidade, mas não abriria mão desta que tenho aqui, porque aqui é que ta o pão de cada dia pra nós.* (Entrevistado 14, 63 anos, nascido e criado no Buieieí, 2006).

*Meu sonho é roça mesmo, não gosto da rua não. Minha irmã tem uma casa em BH e me chamou pra ir pra lá, não fui não. Não gosto de cidade de jeito nenhum, aqui é bom, bem tranqüilo, ninguém incomoda. Ando de charrete pra ir na cidade, eu não gosto de ficar aqui esperando lotação, quando não vou de bicicleta mesmo. Gosto de mais daqui, saio daqui só de pé junto, papai morava aqui junto com mãe, dos filhos só eu mesmo quis ficar aqui, os outros não gostavam de roça, não adianta nada falar que quer morar na rua, meu coração não quer. Na rua tem muita violência hoje em dia.* (José Entrevistado 31, 60 anos, nascido e criado no Buieieí, 2008).

[...] *não tenho vontade de sair daqui, não gosto de rua, barulhada na cabeça.* (Entrevistado 15, 53 anos, 5 anos de residência no Buieieí, 2008).

*Gosto demais minha filha, vou a Viçosa fico aflita pra voltar, não agüento aquela zoeira na minha cabeça. Vou lá só fazer uma compra. Acostumei com roça, ih, morar na roça é muito bom, a gente distrai com nossas criação, tenho galinha, porco. Já trabalhei demais na roça, agora não agüento, mas arrumei uma enxada boa pra mim capinar meu terreiro, vem cá para vocês vê minha enxada (...). De manhã quando ainda não tem sol, capino todo meu quintal, não gosto de pedir nada pro outros, não. Meu falecido marido também trabalhava na roça de segunda a sábado. Eu trabalhava três vezes por semana na casa de um fazendeiro, segunda lavava roupa dum fazendeiro que morava aqui na grotá a muitos anos. Meu marido saía mais cedo, eu ia mais tarde porque a gente tinha muita criação, tinha porco, galinha, cabrito pra tratar. ai eu ia mais tarde.* (Entrevistado 16, 86 anos, nascida e criada no Buieieí, 2007).

*Gosto é bom, gosto das pessoas porque são muito iguais.* (Entrevistado 17, 43 anos, moradora há 17 anos no Buieieí, 2007).

*Não sou chegada à cidade quando vou ficou doida pra voltar. Quando solteira trabalhava na casa de um casal em Viçosa eles queriam construir uma casa pra mim nos fundos meu marido não quis largar a roça, naquela época eu queria, hoje não saio mais daqui não.* (Entrevistado 10, 79 anos, nascida e criada no Buieieí, 2006).

*Gosto muito, aqui é muito sossegado, tenho muitas amizades*  
(Entrevistado 18, 18 anos, 4 anos que mora no bairro, 2007).

*Mudaria nada, tenho minha casa aqui tô terminando ela aos poucos,  
e depois tô acostumado aqui, gosto de mais daqui.* (Entrevistado 20,  
38 anos, nascido e criado no bairro, 2007).

*Gosto muito, nós só saímos daqui mortos, quando vamos a Viçosa  
ficamos doidos para voltar.* (Entrevistado 3, 72 anos, nascido e  
criado no Buieie, 2006).

O desejo de não sair do bairro ficou evidenciado nas conversas com alguns dos moradores, estando relacionado ao sentimento de pertencimento à localidade, na valorização e nas referências constantes ao passado, na identificação com o lugar, no fato de serem proprietários de suas terras, na valorização da forma com que essas terras chegaram às suas mãos. Entre os mais velhos, sobretudo, a terra conta a história de suas vidas, que é também a história de seus antepassados. Quando falam desse passado, a memória os remete às raízes histórias de um período de luta e de sofrimento que seus antepassados viveram. Além disso, nas falas de todos fica explícito o sentimento harmônico em relação ao sossego da vida na roça, com a ausência de barulhos e do trânsito incômodo da cidade, mesmo nas falas das pessoas que vieram de fora da comunidade.

A vontade de alguns saírem do bairro se dá em virtude da grande dificuldade existente na infra-estrutura do bairro, no oferecimento de serviços e postos de trabalho, especialmente em relação aos moradores com menos de 40 anos da parte baixa do bairro. Entre esses observamos um desejo maior de saírem, de buscar outras oportunidades. Assim, apesar de dizerem que gostam muito do lugar, disseram também que se tivessem uma oportunidade se mudariam do bairro por causa dos problemas que enfrentam morando na localidade. Para eles, a falta de emprego de grande parte dos moradores e a ausência de serviços básicos (como por exemplo, creches que possibilitem às mulheres o trabalho fora de casa; transporte em quantidade suficiente e qualidade adequada; estradas em melhores condições que possibilitassem o acesso fácil ao bairro; serviços de saúde no bairro, etc.) são as principais razões para quererem se mudar do bairro, indicando, pois, uma mudança social no Buieie, ou seja, a desterritorialização. A esse respeito os depoimentos abaixo são importantes referências:

*Não, isso aqui não tem futuro, não tem emprego, as coisas são muito difíceis, se chover menino fica às vezes um mês sem ir a aula. Tem aula e de repente não tem. É bom só pra quem não tem compromisso com menino. O transporte melhorou, mas quando chove é igual há 10 anos atrás.* (Entrevistado 21, 33 anos, 20 anos que mora no Buieié, 2008).

*Não. Por mim não ficaria aqui. Não gosto daqui, não tenho ninguém da minha família aqui, só da família do meu marido.* (Entrevistado 5, 26 anos, 1 ano de residência no bairro, 2006).

*Mudava porque o dia que chove tem que ir a pé, eu trabalho na cidade tomo conta de uma senhora, no domingo não tem ônibus tenho que ir a pé até o cantinho do céu, é muito difícil.* (Entrevistado 11, 63 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

Embora esses problemas tenham sido descritos pelos dois grupos de moradores, em relação à parte alta e baixa, não observamos em todos os casos o desejo, entre os jovens das duas partes, de quererem mudar-se do bairro. Alguns afirmaram não querer mudar do bairro, apesar das dificuldades que enfrentam, sobretudo por causa da vida tranqüila e os laços de amizade e de família que mantêm na comunidade. Outros falavam que queriam um trabalho na cidade (vista por esses como um espaço que propicia maiores oportunidades de trabalho), mas mantendo residência no Buieié, sem se distanciar da família. Vejamos, pois, seus depoimentos.

*Me sinto muito bem aqui, não gostaria de sair do Buieié não. Ah porque eu não ia consegui morar em outro lugar não, eu acostumei aqui mesmo, tá bom. As vezes durante a semana é meio parado aqui, mas é isso mesmo, o que eu queria caçar na cidade é um trabalho, trabalhava na cidade e morava aqui mesmo.* (Entrevistado 25, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

*Bem de mais uai. Ah aqui eu vou ao campo de futebol, tem lugar em Viçosa que nem tem campo, vou nadar no rio lá em cima, tenho muitos amigos aqui e minha família. Tem muita coisa aqui que eu não tenho na cidade, e eu gosto muito disso. (...) O que é bom na cidade é que tem como estudar e arrumar um emprego bom, eu queria sim estudar e trabalhar.* (Entrevistado 27, 16 anos, nascido e criado, 2008).

*Eu acho que moraria na cidade, mas continuando com uma casa aqui por causa do jeito de vida, aqui é mais tranqüilo, dá pra viver com mais qualidade, dá pra se tratar com remédios mais caseiros, lá*

*na cidade é mais trabalho que eu queria mesmo.* (Entrevistado 28, 17 anos, nascida e criada no Buieié, 2008)

Entre as pessoas que já residiram muito tempo fora, e agora voltaram ao Buieié, parece haver ocorrido certo “desenraizamento cultural”, manifestado em certa “perda” da história do bairro, o que pode ser percebido no fato de não saberem narrar acontecimentos relativos à história de formação do Buieié, bem como na desvinculação com o modo tradicional da vida rural, característico dos moradores antigos. Na obra clássica de Antônio Cândido, *Parceiros do Rio Bonito*, o autor analisa as relações dos camponeses “caipiras” com os centros urbanos, com a cultura vinda das cidades. Neste enfrentamento do “mundo externo”, o “caipira” tem que realizar uma pluralidade de ajustamentos, que vão no sentido do desenvolvimento das relações comerciais e da progressiva incorporação à esfera da cultura urbana. Segundo Candido (1982), esses processos têm como consequência, muitas vezes, a perda das tradições, em que o urbano acaba impondo certos traços de sua cultura material e não-material, afeta também o ritmo do trabalho, em que é colocado frente ao modo de vida tradicional uma nova concepção de tempo em que se preze a racionalização do orçamento, a individualização do trabalho e certo abandono das práticas tradicionais.

Apesar de no bairro haver uma predominância étnica negra – aproximadamente 90% são negros – observa-se que, no Joãozinho, é praticamente inexistente a presença de pessoas de pele branca. A ascendência de uma etnia negra no Joãozinho confirma a não entrada de pessoas de fora, geralmente de pele branca, revelando um maior fechamento do grupo às pessoas externas a ele. Essa situação já não se coloca com tanta evidência na parte baixa. Tal diferença levou alguns moradores a dividirem o bairro entre o “*Buieié dos brancos*” e o “*Buieié dos pretos*”. Segundo uma moradora de fora, branca, quando ela chegou ao bairro não foi bem recebida devido à sua cor. Analisando esse fenômeno, Kabengele Munanga (2004), diz que os movimentos negros contemporâneos tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiro dos escravos africanos, sua situação como membro de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando na sociedade, cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial, que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa pela sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e cultural.

Entretanto, no Buieié não existe um movimento negro que pressiona o Estado para garantir esses direitos e diferenças que Munanga chama atenção. Os próprios moradores não se reconhecem enquanto um movimento organizado de luta pelos seus direitos. Os dados demonstraram que a predominância negra naquele espaço se fez por causa da formação do território, mas, embora tenham uma história de ex-escravos, as pessoas do Buieié não têm uma atuação política que afirmariam essa especificidade enquanto um grupo organizado de luta pelo reconhecimento dessas especificidades. Ou seja, não há um movimento de resistência política à globalização no bairro.

Os dados abaixo nos mostraram ainda que há uma distinção em relação ao “*antigo morador*” e ao “*morador mais recente*”, mesmo que isso aconteça somente na chegada dessas pessoas. Mas além das identidades diferenciadas, observou-se certo estranhamento em relação aos dois grupos de moradores. Esse estranhamento foi percebido na avaliação feita por alguns dos “antigos moradores” em relação àqueles “vindos de fora”. Percebemos que alguns deles, da parte baixa, vêem a inserção de novos moradores como algo negativo, pois acham que eles estariam disputando com eles os poucos postos de trabalho. Já, para outros, não se percebeu essa avaliação, uma vez que consideraram esse fato positivo, pois acham “*interessante*” a vinda de pessoas de fora para “*diversificar o ambiente vivido*”.

A heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, não provoca, obrigatoriamente, a descaracterização da cultura local. Quando aceita pela comunidade, a diversidade assegura a identidade do grupo que experimenta uma consciência de si na relação de alteridade com os “de fora” (CARNEIRO, 1998).

Entre as pessoas “de fora” observamos uma similaridade nas formas de vida entre muitas delas, uma vez que quase todas foram morar no bairro por intermédio de seus maridos e esposas não sendo, necessariamente, “de fora”, uma vez que todos chegaram à comunidade através de pessoas que possuíam vínculo com a mesma. Pelas entrevistas constatamos que os antigos residentes “aceitam” os recém chegados, mas, inicialmente, parece haver uma hierarquia, em que a posição inferior costuma ser desdenhada ao recém chegado, pelo menos durante um período de experiência na comunidade já estabelecida. Havia questionamento em relação à vida dos “de fora”, especialmente aquelas que possibilitam o mapeamento desses sujeitos: terra natal, lugar de procedência, com quem vieram. Esclarecidas essas questões, depois de algum tempo, todos eram tratados como “*iguais*”, uma vez que eles “*não interferiam no modo de vida dos antigos moradores*”, pois, afinal, “*eram todos iguais*”.

Essa inserção, certamente, está relacionada à boa aceitação dos novos moradores no bairro, depois de um curto tempo de adaptação. A igualdade expressa pelos moradores antigos em relação aos novos moradores é muito valorizada pelos primeiros. Os depoimentos abaixo revelam que a igualdade manifestada se coloca não somente em relação às condições econômicas, mas também em relação ao estilo de vida e status entre os moradores. Essa igualdade se coloca, sobretudo, entre os moradores da parte baixa, uma vez que entre os do Joãozinho, quase não existem pessoas vindas de fora: todos são nascidos e criados no bairro ou nasceram e foram morar em outra localidade, mas voltaram.

*É diferente só quando chegam, mas depois a gente acostuma, eles começam a freqüentar a igreja, vão ao jogo de futebol, daí se enturmam*. (Entrevistado 8, 31 anos, nascida e criada na comunidade, 2006).

*Quando cheguei, todos me olhavam diferente, perguntavam, com quem eu vim, se tinha parente no bairro.* (Entrevistado 5, 26 anos, 1 ano de residência no bairro, 2006).

Assim, acreditamos que os processos identitários entre os nascidos e criados no bairro, em sua relação com os moradores vindos de fora da comunidade, são distintos. E, da mesma forma que procedemos à divisão dos entrevistados por faixa etária, como demonstrado na metodologia, também o fizemos com os moradores de fora e os nascidos e criados no Buieieí.

Dessa forma, 25 entrevistados são nascidos na comunidade e 12 são pessoas vindas de outros lugares, que fixaram residência no Buieieí. Embora possa parecer que essas pessoas vindas de fora sejam estranhas à comunidade, esse estranhamento não se confirmou. Muitos dos moradores que não foram nascidos no Buieieí, e que se mudaram para lá, já conheciam alguma pessoa da comunidade, ou seja, mesmo procedendo de outro lugar já tinham alguma relação ou convívio com o Buieieí, revelando algum conhecimento sobre o bairro e das pessoas de lá, o que explica o fato de não terem encontrado maiores dificuldades ou constrangimentos para se mudarem pra lá. O casamento com uma pessoa da comunidade é quase que uma condição para a entrada das pessoas “de fora” no Buieieí. A esse respeito, foram analisadas nas entrevistas se os moradores consideram ou não haver diferenças entre os moradores nascidos e criados no Buieieí e aqueles que vieram de outros lugares. Temos que 65% acham não existir diferença alguma entre essas pessoas vindas de fora, e outros 35% acreditam existir

distinção entre elas. No entanto, muitos dos entrevistados nos disseram acontecer um estranhamento só no momento da chegada na comunidade, após um tempo curto eles já são considerados iguais.

Norbert Elias (2000) analisando essa questão dos “estabelecidos e do outsiders” afirma que as comunidades tendem a se fecharem quando se sentem ameaçadas por outras pessoas “de fora” da mesma. Essa reclusão pode se colocar, em alguns momentos, como segregação de espaços e de participação em algumas decisões das comunidades. Entretanto, acreditamos não ser exatamente essa o caso da localidade investigada, já que esse estranhamento e reclusão que Elias (2000) coloca, no Buieié não acontecem. O estranhamento ocorre somente em um primeiro momento, o da chegada das pessoas de “fora”, após seu estabelecimento isso não mais se coloca como um entrave para os nascidos e criados.

A percepção do bairro entre os nascidos fora do Buieié, não são muito diferentes, é a de tranquilidade, sossego, amizades, que acreditam existir no bairro. Entendemos que os “de fora” foram morar no Buieié em busca de certas especificidades do rural, mais especificamente a vida na roça, uma vida mais tranqüila, em que o tempo parece se desenrolar mais lentamente, com relações de maior proximidade, porquanto de uma ambiência que sugere maior segurança e resguardo. O valor de se ter uma casa própria e ser dono da terra têm grande importância para os grupos “de fora” e para os nascidos e criados no Buieié. A propriedade da terra se traduz em sentimentos de pertencimento ao local, de se sentirem os “*donos do pedaço*”. Sendo possuidores daquelas terras, são os “*donos do local*”.

Quando questionávamos sobre a diferença entre aquelas pessoas que vieram de fora e aquelas nascidas e criadas no Buieié, as respostas foram as seguintes:

*Sentem só no começo depois nem ligam mais não.*(Entrevistado 22, 20 anos, moradora do bairro a 1 ano, 2008)

*Minha família mesmo mora aqui tem um bom tempo. Derrepente tem sim viu, no começo, depois acho que não. No começo as pessoas de fora não conversam muito com o pessoal daqui, mas com o tempo acostuma né, aí fica tudo igual.* (Entrevistado 25, 21 anos, nascida e criada no Buieié, 2008)

*No começo tem, depois acostumam, não conhecem aí se já viu né, mas depois é igual.* (Entrevistado 29, 45 anos, nascida e criada no Buieié, 2008).

*Só no começo, começam julgar muito as pessoas, mas nem conhece e depois vê que não é nada daquilo, as coisa vão mudando com um tempo.* (Entrevistado 36, 15 anos, nascido e criado no Buieié, 2008).

*Senti, as pessoas ficavam me reparando, perguntando quem eu era, com quem vim pra cá, de onde sou, achei bem diferente. Mas depois é igual, se acostumam.* (Entrevistado 5, 26 anos, moradora do bairro há 1 ano, 2006).

*No início me estranharam, depois acostumaram, porque eles não gostam muito de gente branca, eles falam que tem até o buieié dos pretos que é o Joãozinho e o buieié dos brancos que é aqui em baixo. Porque não sei se você reparou aqui quase todo mundo é negro, principalmente no Joãozinho.* (Entrevistado 12, 32 anos, 10 anos que mora no Buieié, 2006)

Entre os entrevistados que vieram de fora, apenas duas famílias não têm nenhum membro da casa pertencente à comunidade, os outros entrevistados que vieram de fora, treze pessoas, têm algum membro da família nascido no Buieié, ou seja, essas pessoas que vieram de fora e são casadas têm pelo menos uma pessoa da casa nascida no bairro (geralmente o homem). Desse modo, acredita-se que elas tenham de alguma forma, certa inserção no bairro, não sendo, portanto, totalmente estranhas à comunidade.

No que se refere à porcentagem referente às pessoas entrevistadas que possuem família no Buieié, temos que 82,5% possuem mais pessoas da família morando no bairro e apenas 17,5% disseram não terem nenhum parente no local. Esses dados, contudo, são referentes apenas aos entrevistados. Assim, devemos também verificar isso com relação à família dos mesmos. Daí verificarmos que apenas duas famílias de entrevistados, 4% dos 17,5% que disseram não ter nenhum parente no bairro, não têm ninguém da casa com laços familiares na comunidade. Os outros 12,5% das famílias dos entrevistados que nos disseram não ter parentes, na verdade têm alguém da família, o homem ou mulher da casa, com parentes no Buieié.

Dentre os entrevistados que têm parentes no bairro fizemos ainda a identificação de quem são essas pessoas da família. A distribuição segue da seguinte maneira: 22,5% têm filhos que moram no Buieié; 17,5% têm os pais ainda morando no bairro; e 75% têm outro tipo de parente, irmãos, tios, primos, avós, sobrinhos, netos, enfim qualquer outra pessoa que possua vínculo familiar com os entrevistados.

Isso se torna um elemento importante na medida em que são definidores das redes sociais e solidárias da comunidade e da conformação sócio-espacial, como já

apresentado. São nas bases familiares e nos amigos mais próximos que as pessoas do Buieié encontram ajuda e significados de estarem no bairro. Analisamos, assim, os motivos que levam os moradores do Buieié a continuarem residindo no Bairro. Nos depoimentos construídos fica evidenciada a consolidação das redes como forma de fortalecer o pertencimento à comunidade, ao território, sugerindo-nos a idéia de uma comunidade efetivamente *enredada* no lugar.

*Tem 3 anos que tô aqui em baixo antes morava no Joãozinho. Adoro morar no Bueié, adoro as minhas amizades, meu cantinho, minha família.* (Entrevistado 19, 24 anos, nascida e criada no Buieié, 2007).

*Tem todos os meus irmãos morando aqui, e mais uma parentada danada, aqui quase todo mundo é parente.* (Entrevistado 10, 79 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

*Minha família tá toda aqui, tem um punhado de casa aqui que é de meus parentes. Aqui todo mundo é parente.* (Entrevistado 39, 44 anos, nascido e criado no Buieié, 2008)

*Gosto, minha menina me levou para São Paulo, mas fiquei aflita para voltar já acostumamos aqui, toda a vida moramos aqui, pai, mãe, vô e vô.* (Entrevistado 11, 63 anos, nascida e criada no Buieié, 2006).

A partir do exposto consideramos então três os elementos de maior importância para compreender as identidades no Buieié: a posse da terra; as redes de sociabilidade e a história do grupo de ex-escravos.

As identidades presentes no território estão, no nosso entendimento, dadas na permanência daquele grupo àquelas terras, que estão carregadas de significados para o mesmo, ou melhor, reconhecida, pois, como patrimônio da família e dos antepassados.

A família, por sua vez, principalmente a “família grande”, também influencia a permanência dos moradores no Buieié, sendo essa considerada como abrigo e referência histórica para alguns dos moradores do bairro. O local foi sempre referenciado como sendo um lugar familiar, onde todos se conhecem e, portanto, importante referência para as pessoas não saírem de lá.

Com relação à história dos moradores, enquanto negros e descendentes de escravos, apesar de ser uma das principais referências para as pessoas do Buieié, ela (a história) não influencia na construção de uma identidade negra para o grupo, pois esse

não se apresenta como um movimento de resistência para garantir os direitos tais qual essa identidade poderia lhes oferecer.

O bairro se apresenta como um híbrido, em que se entrecruzam elementos tradicionais (a preferência pelo fogão à lenha em detrimento o fogão a gás; o apego à terra, principalmente entre os mais velhos; as redes sociais das famílias; as habitações de pau-a-pique; o sistema de mutirão, etc) com outros elementos muito presentes em sociedades ditas modernas (necessidade de algumas instituições como a creche e o posto de saúde; a necessidade de trabalhar na cidade de Viçosa; o não interesse dos jovens por alguns aspectos culturais, o baile na cidade em detrimento do congado, etc). Aspectos que são indicativos de um processo de transformação social no Buieié, e que podem influenciarem na (re)significação da identidade territorial ainda presente no Buieié.

## Considerações finais

Consideramos que os resultados da pesquisa não confirmam a nossa hipótese de que a sociedade capitalista não extinguiu a necessidade do sentimento de pertencimento ao território, pelo menos não nesse grupo estudado. O Buieié não se reproduz socialmente apenas por valores que não são pautados essencialmente na esfera econômica. No bairro existem alguns elementos com certo peso simbólico que guiam algumas das relações sociais da comunidade, mas essa não deixa de ser influenciada também por aspectos da sociedade envolvente, a sociedade moderna. Os dados construídos indicam mais o início de uma transformação social no bairro, não podendo o considerar como uma forma de resistência à globalização, já que não se pode falar em um movimento de pressão dos moradores do bairro para a manutenção de suas especificidades, ou seja, de suas identidades.

Os dados construídos na pesquisa apontaram para alguns elementos importantes na construção das identidades e do território no Buieié, mas que não indicam uma resistência frente à globalização. Esses dados são importantes referências para falarmos de uma identidade territorial em um processo de hibridismos, quais sejam: a formação histórica e territorial do bairro, a posse da terra e as redes de sociabilidade dos moradores. Os dados levantados e analisados sobre esses três aspectos demonstram duas tendências principais no Buieié: a persistência no território e as alterações nas esferas sociais e culturais. Acerca disso, Antônio Cândido (1982) nos diz que, num primeiro momento, é comum em comunidades rurais a idéia de permanência, que recobre as formas sociais, culturais e - acrescentaríamos - territoriais. Porquanto essas formas tenham se constituído no passado, elas ainda perduram no presente por seu poder de inércia sócio-espacial, proporcionando certa continuidade entre as diferentes etapas de um processo de transformação nessas sociedades. As alterações ocorridas são decorrentes das transformações externas e internas ao grupo para o próprio reajuste no seu funcionamento, ou seja, essas comunidades não podem ser percebidas como grupos intocados, incólumes às influências da dinâmica da sociedade e da modernidade. Estas comunidades revelam certo dinamismo, sofrendo, assim, pressões do meio social circundante.

Esse duplo movimento, que acreditamos estar presente no Buieié, não deve ser considerado tão somente como uma expressão de atraso ou demora, mas também como

um percurso do bairro para se ajustar às novas situações, que podem sim rejeitar as antigas práticas sócio-culturais, mas também incorporá-las e redefiní-las. Podemos dizer que no Buieié não ocorre a substituição completa dos padrões anteriores, mas uma redefinição dos seus sentidos na atualidade, um ajuste dos velhos padrões a um novo contexto. O bairro se apresenta muito mais como um estágio inicial de um processo lento de mudança social.

Como já dissemos, o Buieié é um bairro com muitas dificuldades de acesso aos bens e serviços públicos. Caberia aqui o sentido da metáfora: “longe dos olhos, longe do coração”, o que, traduzindo, significaria dizer: longe das vistas do poder público o bairro se mostra substancialmente desassistido. A despeito das dificuldades, a vida desta população rural depende direta e indiretamente do núcleo urbano que a congrega, dado que proporciona, entre outros aspectos, o atendimento de diversas necessidades econômicas e sociais da comunidade. Assim, a população residente no Buieié é responsável por um duplo movimento: se, por um lado, dinamiza o local, estando ela enredada na paisagem, por outro lado estabelece formas de relacionamento com a cidade de Viçosa e com sua vida pública, compondo, assim, concomitantemente, uma relação dialética e complementar.

O trabalho buscou compreender esse processo, que foi percebido como um processo não propriamente de exclusão, mas sim de inclusão precária, a que estão submetidas as pessoas que vivem no *Buieié*. Esclareça-se aqui que a compreensão da idéia de exclusão se apóia na interpretação de José de Souza Martins (1997). Em outras palavras, isso significa dizer que um grupo social pode estar submetido a determinadas formas de privação material e simbólica e, ainda assim, ter “outras” formas de inclusão na sociedade e no espaço, inclusive aquelas derivadas do mundo do trabalho flexível e de acesso a serviços, ainda que precariamente disponibilizados. No que diz respeito ao Buieié, a lógica de reprodução do território se dava a partir do desenvolvimento de inúmeras estratégias de sobrevivência (agricultura de semi-subsistência, estabelecimento de redes de ajuda - mútua entre parentes e vizinhos, práticas de mutirão, etc.). As necessidades fundamentais do bairro estão ligadas à sobrevivência imediata e ao trabalho do dia-a-dia, e não apenas como forma de sustentar um consumismo desenfreado.

Poderíamos dizer, portanto, que haveria certo hibridismo cultural, evidenciado na presença de alguns elementos da modernização. A eletricidade, por exemplo, pode colocar a “comunidade” em maior contato com a cultura de massa, produzida pelos

meios modernos de produção cultural, dominada pela imagem que fala através da linguagem, de um modo muito imediato. No entanto, poderíamos dizer que a modernidade chegou à comunidade de forma muito incipiente, porque ela (a modernidade) se elabora de forma efetiva somente nos lugares que dispõem de uma rápida difusão. Nesse sentido, muito embora a globalização aja no sentido da homogeneização global, ela, no entanto, se manifesta de forma heterogênea, ocorrendo diferenciadamente nos lugares. (SANTOS, 2000)

A pesquisa permitiu compreender ainda a existência de dois processos identitários diferentes no bairro Buieié. Na parte mais tradicional do bairro, no “Joãozinho”, as mudanças acontecem de forma mais lenta do que no “Buieié de baixo”. No nosso entendimento, existem na comunidade traços de forte tradicionalismo, evidenciados na grande valorização do passado, na vontade dos moradores (especialmente dos mais antigos do Joãozinho) em perpetuar suas experiências através das novas gerações. O bairro ainda conserva certo caráter de rusticidade, que se relaciona a certa “simplicidade” de costumes, que se também se manifesta no vínculo com o trabalho agrícola, pois a maioria dos moradores do Buieié tira parte do seu sustento diretamente do trabalho com a terra. Sendo assim, a comunidade parece carregar os traços culturais, as tradições, as linguagens e as histórias particulares que marcaram a sua formação sócio-espacial, mas também parece sentir necessidade inclusão na sociedade moderna, identificados no desejo de ter produtos do mundo moderno, principalmente os jovens.

Nesse sentido, a tradição do bairro se entrecruza com a modernidade, o que faz da sua cultura<sup>11</sup>, uma cultura híbrida. No entanto, a modernidade incipiente não conseguiu “apagar” as formas tradicionais da comunidade. As evidências disso estão no modo de vida da comunidade e no cotidiano regido por práticas regulares e simples. As observações nos levam a acreditar que as identidades locais presentes no bairro não têm traços identitários de resistência, que nos termos de Castells (2003, p.24), são:

*[...] criadas por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base*

---

<sup>11</sup> O conceito de cultura nesse trabalho é entendido nos termos de Canclini (1998), como produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido de um grupo social. Esse autor vai entender cultura como sendo um processo em constante transformação, diferenciando-se da tradicional visão patrimonialista, adotando assim uma postura de mobilidade e ação.

*em princípios diferentes das que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a esses últimos”.* (CASTELLS, 2003:24)

A identidade do bairro, no nosso entendimento, não está relacionada à conscientização política, a qual Castells chama a atenção. A identidade territorial no Buieié estaria presente no modo de vida da população que, acreditamos, até então não parece estar diretamente ligado à racionalidade material, mas sim e mais propriamente à simbólica, ou seja, a idéia de construção de uma identidade territorial estaria intimamente relacionada com a de permanência no território, porquanto também de pertencimento, de vínculos afetivos constituídos com o lugar. Estariam presentes, também nas práticas religiosas do grupo, práticas do congado, que remete às raízes do povo negro, uma homenagem a Nossa Senhora do Rosário, como já observado, valorizada e preservada principalmente pelos mais velhos, mesmo que em um outro lugar fora do Buieié. Em relação às pessoas mais novas do bairro nota-se que não há uma valorização tão forte de tais práticas (esse fato reforça a idéia de transformação social), pois o modo de compartilhá-las e a própria sensibilidade ao ritual é diferente. Eles participam somente como expectadores, embora pareça haver uma forte vontade dos mais antigos em transmiti-la aos descendentes.

Para Nestor Garcia Canclini (1998), à medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. A modernidade não quer apagar as culturas tradicionais, e nem estas querem ficar fora da modernidade. A transformação muitas vezes é essencial para a própria reprodução social do grupo.

As evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte, estando a chamada “periferia” vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual. (CANCLINI, 1998, p.80).

Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, Milton Santos (2000), assinala que há também uma resistência ancorada na diferença, na etnia e na alteridade. Há juntamente com o impacto do global um novo interesse pelo “local” – em que se explora justamente a diferenciação local. O que há é uma nova articulação do global com o local. Assim, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. Pode-se considerar, assim, que é provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. Não

há uma homogeneização global das identidades, como muitos acreditavam, dado que a globalização tem se mostrado muito desigualmente distribuída pelo globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população no interior das regiões e dos lugares.

Por fim, e com base nas constatações aqui apresentadas que é possível compreender como as diferentes visões de mundo e conduta de um determinado conjunto de pessoas podem constituir uma identidade ancorada numa base concreta: o território. A relação de pertencimento de um grupo e o espaço apropriado corrobora na estruturação de uma identidade territorial, a qual é construída a partir das relações e sentimentos construídos ao longo do tempo, mas não necessariamente caracterizada como identidade resistência.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: BRAGA, C. (et al.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Brasília: Relume Dumará, 2004. p. 23-62.
- BARTH, F. (ed). *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Boston: Little Brown. 1969.
- BOMBARDI, L. O bairro rural como identidade territorial: a especificidade da abordagem do campesinato na geografia. *Revista Agrária*, 2004. p. 55-95.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. (Ensaio Latino-americano). São Paulo: Edusp, 1998.
- CARNEIRO, M.J. Ruralidades: Novas identidades em questão. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, out. 1998. p. 53-75.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II. 2003.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders*. sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. (Tradução de Vera Ribeiro).
- HAESBAERT, R. *Des-territorialização e Identidade*. a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- HAESBAERT, R. *Identidades territoriais*. entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B. de; HAESBAERT, R. (orgs.). *Identidade e territórios*. questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: ACESS, 2007, p. 33-56.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*, 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro).
- MARTINS, J. S. *Exclusão Social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MATTA, R. da. *A casa e a rua*. espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MÜLLER, N. L. *Tipos de sítios em algumas regiões do Estado de São Paulo*. São Paulo, FFLCH - Universidade de São Paulo, 1946. (Tese de Doutorado em Geografia Humana).
- MUNANGA, K. *Negritude: Usos e Sentidos*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.

- OLIVEIRA, A.U. de. *Modo de produção capitalista e agricultura*. São Paulo: Ática, 1999.
- PEREIRA, G. P. P. B. *Homens, Mulheres e Masculinidade no Buieíé*. Viçosa, UFV, 2000.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.
- SANTOS, M. SILVEIRA, M.L. *O Brasil*. território e sociedade no início do século XXI. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CÂNDIDO, A. *Parceiros do Rio Bonito*. estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida. 6 ed. São Paulo: Duas Cidades. 1982.
- SOUZA, M.L. de. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E. de. GOMES, P.C.da C; CORREA, R.L. (org.) *Geografia: Conceitos e temas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p.237-280. 2002.
- SCHENEIDER, S. A atualidade da contribuição de LeoWaibel ao estudo da agricultura familiar. *Boletim gaúcho de geografia*. Porto Alegre v. 28, n. 1, p. 25-41, 2002.
- WISSENBACH, M.C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. *História da vida privada no Brasil*. v.3 República Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das letras, 1997. p. 49 – 91

## **ANEXOS**

TABELA 6. Moradores do Buieié entrevistados na pesquisa.

Nº	Nome	sexo	idade	Etd. Civil	Local de residência	Tempo de residência
1	Entrevistado 1	F	64	casada	Joãozinho	nascida e criada
2	Entrevistado 2	F	72	viúva	Joãozinho	nascida e criada
3	Entrevistado 3	M	72	casada	Joãozinho	nascida e criada
4	Entrevistado 4	F	87	casada	Joãozinho	nascida e criada
5	Entrevistado 5	F	26	casada	Buieié de baixo	1 ano
6	Entrevistado 6	F	43	solteira	Buieié de baixo	nascida e criada
7	Entrevistado 7	F	84	viúva	Buieié de baixo	40 anos
8	Entrevistado 8	F	31	solteira	Buieié de baixo	nascida e criada
9	Entrevistado 9	M	75	casado	Buieié de baixo	Nascido e criado
10	Entrevistado 10	F	79	solteira	Buieié de baixo	nascida e criada
11	Entrevistado 11	F	63	viúva	Buieié de baixo	nascida e criada
12	Entrevistado 12	F	32	solteira	Buieié de baixo	10 anos
13	Entrevistado 13	F	21	casada	Buieié de baixo	9 anos
14	Entrevistado 14	M	63	casado	Joãozinho	nascido ( 5 anos )
15	Entrevistado 15	M	53	casado	Joãozinho	5 anos
16	Entrevistado 16	F	83	casada	Joãozinho	nascida e criada
17	Entrevistado 17	F	43	casada	Joãozinho	17 anos
18	Entrevistado 18	F	18	solteira	Buieié de baixo	4 anos
19	Entrevistado 19	F	24	casada	Buieié de baixo	nascida e criada
20	Entrevistado 20	M	38	casado	Buieié de baixo	nascido e criado
21	Entrevistado 21	F	33	casada	Buieié de baixo	20 anos
22	Entrevistado 22	F	20	casada	Joãozinho	1 ano
23	Entrevistado 23	F	13	solteira	Buieié de baixo	13 anos
24	Entrevistado 24	F	55	casada	Buieié de baixo	10 anos
25	Entrevistado 25	F	21	casada	Buieié de baixo	nascida e criada
26	Entrevistado 26	M	47	casado	Buieié de baixo	30 anos
27	Entrevistado 27	M	16	solteiro	Buieié de baixo	nascido e criado
28	Entrevistado 28	F	17	solteira	Buieié de baixo	nascida e criada
29	Entrevistado 29	F	45	viúva	Buieié de baixo	nascida e criada
30	Entrevistado 30	F	53	viúva	Buieié de baixo	nascida e criada
31	Entrevistado 31	M	60	casado	Buieié de baixo	nascido e criado
32	Entrevistado 32	M	48	casado	Buieié de baixo	2 anos
33	Entrevistado 33	M	44	casado	Buieié de baixo	nascido e criado
34	Entrevistado 34	F	30	casada	Buieié de baixo	3 anos
35	Entrevistado 35	F	21	solteira	Buieié de baixo	nascida e criada
36	Entrevistado 36	M	15	solteiro	Buieié de baixo	nascido e criado
37	Entrevistado 37	M	18	solteiro	Buieié de baixo	nascido e criado
38	Entrevistado 38	F	78	viúva	Buieié de baixo	nascida e criada
39	Entrevistado 39	M	44	casado	Buieié de baixo	nascido e criado
40	Entrevistado 40	F	24	solteira	Buieié de baixo	nascido e criado

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### 1- Informações Gerais:

Entrevistador (a):

Nome entrevistado (a):

Endereço:

Nº

Tempo de residência no Buieié: \_\_\_\_\_

### **(Processo de formação e constituição do Buieié):**

- Você poderia me contar um pouco da história de que você conhece do Buieié?

### **(Processos identitários no bairro):**

- Quando o sr. (sra) veio morar aqui no bairro?
- Por que o sr. (sra) veio morar aqui no bairro? (algum conhecido, família, parente, etc).
- Como o sr. (sra) adquiriu a terra/lote? (doação, compra, herança, etc.)
- O sr. (sra) gosta de morar aqui? O Sr. se sente ligado ao Buieié? Por que?
- O que sr. (sra) mais gosta no bairro?
- Se o sr. (sra) tivesse a oportunidade, gostaria de morar na cidade?

### **(Modernidade):**

- Gostaria de ter acesso a coisas mais modernas? (televisão? Computador? morar na cidade? O Sr. sente falta de que na sua vida? Asfalto?
- Que problemas o sr. (sra) e a sua família enfrentam por morar aqui no Buieié?
- O sr. (sra) gosta da casa onde mora? Se pudesse se mudaria?

### **(Cotidiano):**

- Como é o dia-a-dia de quem vive aqui no Buieié?
- O que o Sr. faz quando não está trabalhando? O que o Sr. faz para se divertir?
- Aqui no bairro como as pessoas, normalmente, fazem para se divertir?
- Como elas se divertem?
- Com o que trabalham?
- As pessoas participam da igreja?
- O Sr./Sra. participa de alguma igreja? A sua religião é muito ativa aqui no bairro?
- Há alguma festa aqui no Buieié que o Sr. participa? (Congado, festa religiosas..)?
- O Sr. acha que essas festas continuam sendo feitas como eram antes?
- Todos participam juntos das festas que existem aqui?

### **Redes Sociais na vizinhança:**

- Tem mais alguém da família do Sr. (a), morando aqui no Buieié?
- Como são as relações entre os moradores aqui do Buieié? Há brigas? As pessoas se ajudam?
- O Sr. Diria que as pessoas aqui do Buieié são solidárias ou é “cada um pra si”?
- O Sr., por exemplo, conta com a ajuda de algum vizinho ou parente em algum momento (no trabalho na agricultura (se for o caso), ou para conseguir algum trabalho, no cuidado com os filhos, etc.)?

- O Sr. acha que existe alguma diferença entre os moradores mais antigos e aqueles moradores que mudaram-se para cá, recentemente?

## **2. Identificação/Caracterização do grupo familiar**

2.1. (Nº de membros) Quantas pessoas moram na casa?

2.2. (Identificação dos moradores) Quem são essas pessoas? (filhos/pais, sogros/genros/noras, avô/avó, outros). Todos são parentes? Tem alguém que mora que não é parente? Tem filho morando fora de casa? Onde?

2.4. (Redes familiares) Existe algum filho (a) casado (a) morando em casa?

2.5. Idade de todos os moradores (pais, filhos, noras, genros, netos e outros);

- Estado Civil de todos os moradores (pais, filhos, noras, genros, netos e outros);

2.6. Escolaridade do entrevistado: O Sr. (a), estudou até que série? E o seu marido (mulher)?

2.7. Escolaridade dos outros moradores: E qto aos outros moradores (pais, filhos, noras, genros, netos e outros), tem alguém ainda estudando?

2.8. **Trabalho**: Identificação/Caracterização do trabalho (principal, secundário ou terciário):

\* Em que o Sr. (a) trabalha?

- Se trabalha com a terra:

- O Sr. trabalha com a terra?
- Que produtos o Sr. cultiva?
- Já vendeu algum produto?
- O que você compra na cidade?
- Tem ajuda de alguém? Os filhos ajudam? Os vizinhos ajudam? Se sim, em época de colheita pode contar com a ajuda dos filhos e/ou de algum vizinho?

- **Identificação com a terra**:

- Como o Sr. adquiriu o terreno? (doação, compra, herança, etc.)

- O Sr. trocaria o trabalho do Sr. por outro?

- O Sr. é dono da terra que trabalha?

Se sim,

- Qual a importância tem para o Sr., ser dono da terra em que trabalha?

Se tem importância:

- E com os filhos do Sr., o Sr. acha que eles têm a mesma ligação? Ou eles querem/sentem vontade de sair daqui, ir para outro lugar?

- Se trabalha em outra atividade, além da agricultura:

- Além dessa atividade, faz alguma outra atividade para completar a renda? Se sim qual? Onde?

- Se trabalha em outra atividade:

- Em que o Sr. trabalha?
- O Sr. gosta de trabalhar na atividade que exerce? Ou o Sr. gostaria de trabalhar em outra coisa?
- Como é o seu acesso ao local de trabalho? Você tem dificuldade para chegar ao trabalho?

- Trabalho de todos os moradores (pais, filhos, noras, genros, netos e outros);

### **Habituação/Redes Sociais**

- Como foi construída a sua casa?
- Quem trabalhou na época da construção? Você contratou alguém? Contratou algum pedreiro? Ou contou com mão de obra familiar? Mutirão?
- Você teve ajuda de alguém (parentes, políticos, igreja, etc)
- Quando você ou algum membro da sua família adoecer e precisa ser levado ao hospital, a quem você recorre (quem são as pessoas ou entidades que te ajudam)?

### **Condições habitacionais e acesso a serviços**

A sua casa é: (própria, alugada, cedida)

- A casa tem \_\_ cômodos.
- Instalações sanitárias:
- A água que chega à sua casa é: ( ) Tratada; ( ) Não tratada
- Qual é o destino do esgoto da sua casa?  
( ) Rede geral; ( ) Fossa; ( ) Fossa séptica; ( ) Enterrado; ( ) Exposto;
- Qual o destino do lixo?
- Como é a iluminação da casa?
- Como é a iluminação da rua?
- A rua é calçada?
- As crianças têm escolas aqui no bairro?

Se não: É difícil para os filhos (se for esse o caso) estudar na cidade morando aqui no Buieie? Como é o acesso até a escola?

### **Segurança**

- Você acha o Buieie violento? Por quê?
- Você já presenciou alguma situação de violência mais próxima de você e de sua família nos últimos tempos ocorrida aqui no bairro? Em caso de sim, qual

### **2.9. Renda:**

- Além da renda do Sr., a sua família tem alguma outra fonte de renda?
- Os filhos que trabalham ajudam nas despesas da família?
- O sr. é aposentado? O sr. tem acesso a algum programa social (bolsa família ou outros?)
- O Sr. poderia nos dizer quanto o sr. ganha/recebe por mês com a atividade que o sr. exerce?
- Essas rendas são suficientes para manter a família?
- Se não, como o sr. faz para garantir a manutenção de sua família?